

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

LETÍCIA DE MARIA PAIXÃO MARTINS DE CASTRO

**AZULEJARIA PORTUGUESA NA ARQUITETURA CIVIL DE SÃO LUÍS:
dos sítios ao caminho grande e à cidade moderna.**

**SÃO LUÍS
2013**

LETÍCIA DE MARIA PAIXÃO MARTINS DE CASTRO

**AZULEJARIA PORTUGUESA NA ARQUITETURA CIVIL DE SÃO LUÍS:
dos sítios ao caminho grande e à cidade moderna.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Ingrid Gomes Braga

São Luís
2013

Castro, Letícia de Maria Paixão Martins de.

Azulejaria portuguesa na arquitetura civil de São Luís: dos sítios ao caminho grande e à cidade moderna / Letícia de Maria Paixão Martins de Castro.– São Luís, 2013.

82 f

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2013.

Orientador: Profa. Dra.Ingrid Gomes Braga.

1.Azulejos portugueses. 2.Fachadas. 3.Caminho Grande. I.Título

CDU: 738.81/.82(812.1)

LETÍCIA DE MARIA PAIXÃO MARTINS DE CASTRO

**AZULEJARIA PORTUGUESA NA ARQUITETURA CIVIL DE SÃO LUÍS:
dos sítios ao caminho grande e à cidade moderna.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Ingrid Gomes Braga (Orientador)

Profª. Drª. Grete Soares Pflueger (2º Examinador)

3º Examinador
(Convidado)

São Luís, agosto de 2013.

*À minha família pela compreensão e paciência
durante minhas ausências para estudo.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado forças e inspiração para iniciar e concluir esse curso.

Agradeço aos meus familiares, mãe e irmãos, que mesmo nos momentos mais difíceis, souberam compreender minha ausência do convívio diário, mesmo quando eu estava presente, em especial Daniel, pelo carinho e ajuda nos piores momentos.

Às minhas irmãs Gisele e Didi (*in memorian*) que sempre acreditaram em mim, sempre me apoiaram em todas as minhas decisões e principalmente sentiram orgulho das minhas escolhas.

A Lauro e Joaquim, meus companheiros, por terem sentido junto comigo, todas as angústias e felicidades, acompanhando cada passo de perto. Pelo amor, amizade, e apoio depositados, além da companhia por todos esses anos, por compreenderem a importância dessa conquista e aceitar a minha ausência quando necessário.

Agradeço especialmente a d. Zelinda Lima, incentivadora inicial do meu interesse pela arte azulejar, por várias oportunidades de engrandecimento, por saberes, por ter sido um divisor de águas em minha vida, minha enorme gratidão.

A minha amiga, Professora Margareth Figueiredo, pelo amor compartilhado ao patrimônio azulejar, pela gentileza em me ajudar, mesmo tendo ela atividades pessoais a resolver.

À minha amiga Valflor, que em todos os momentos me incentivou e me deu força para permanecer buscando nosso objetivo, que esteve presente, sendo cúmplice nos momentos bons e nas adversidades.

À minha orientadora Professora Dr^a Ingrid Braga, pelo incentivo, empenho, paciência e credibilidade, obrigada por tudo!

Agradeço a todas as pessoas do meu convívio que acreditaram e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a conclusão deste curso.

Muito obrigada a todos!

“É consolador verificar que este capítulo da historiografia artística não tem sido descurado e que o azulejo, como tema de investigação, encontrou quem por ele se interesse numa perfeita compreensão do seu valor estético e como testemunho das preocupações suntuárias dos que transplantaram para esta margem atlântica a arte da velha metrópole.”

Santos Simões

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso realizou um estudo exploratório nas áreas que se situam nos arredores do Centro Histórico da cidade de São Luís, onde a azulejaria portuguesa dos séculos XVIII, XIX e XX ainda está presente. Seu objetivo foi analisar a influência da azulejaria portuguesa na decoração de fachadas e interiores das residências, tipos de decoração, localização dos mesmos nas fachadas e os estilos arquitetônicos dessas moradias. Foi realizada uma pesquisa de campo a partir dos sítios históricos do século XIX situados à margem direita do Rio Bacanga, passando pelas áreas circunvizinhas ao tombamento estadual e finalmente, seguindo o “Caminho Grande” e bairros que surgiram ao longo dele, bem como os bairros de classe média alta um pouco mais distantes, sendo o Renascença ao Norte e o Olho D’Água ao sul. Os resultados mostraram um grande número de adornos nas fachadas, com azulejos do século XIX estampilhados. Os azulejos do século XVIII estão localizados nos interiores das residências de alto poder aquisitivo, em consequência de coleções ou demolição de antigas residências ou igrejas no centro da cidade. Nesse processo de globalização mundial e banalização da cultura, o entendimento do papel do azulejo na arquitetura brasileira pode auxiliar na preservação desse bem que é patrimônio nacional evitando que essa memória seja diluída.

Palavras-chave: Azulejos portugueses. Fachadas. Caminho Grande.

ABSTRACT

This finale course work conducted an exploratory study in the areas that lie on the outskirts of the historic city center of São Luís, where the Portuguese tiles from the eighteenth, nineteenth and early twentieth century's still present. His goal was to analyze the influence of Portuguese tiles in decoration of facades and interiors of homes, types of decoration, their location on the facades and architectural styles of these houses. It was conducted a field research from the nineteenth century historic sites located on the right bank of the Bacanga river, passing through areas surrounding the overturning state and finally, following the "Caminho Grande" and neighborhoods that have sprung up over it as well as the neighborhoods upper middle class a little more distant, like Renascença at north and Olho D'Água at south. The results showed a large number of decorations on facades, tiled nineteenth century stampeds. The tiles of the eighteenth century are located in the interiors of homes with high purchasing power as a result of collections or demolition of old homes or churches in the city center. In this globalization process and trivialization of culture, understanding the role of the tile in Brazilian architecture can assist in the preservation of this national heritage avoiding that this memory may be diluted.

Keywords: Portuguese tiles. Facades. Caminho Grande.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Perfil Rua do Sol.....	25
FIGURA 2: Recorte da Estampilha.....	28
FIGURA 3: Aplicação de tinta através da estampilha.....	28
FIGURA 4: Decalques cortados e no mergulho.....	29
FIGURA 5: Aplicação de decalque.....	29
FIGURA 6: Técnica Relevo.....	29
FIGURA 7: Técnica Majólica.....	30
FIGURA 8: Adornos Rua de São Pantaleão.....	31
FIGURA 9: Adornos Rua da Cruz.....	31
FIGURA 10: Pannel almofadado pertencente à Igreja da Sé.....	32
FIGURA 11: Mapa áreas tombadas.....	35
FIGURA 12: Planta de São Luís em 1997.....	36
FIGURA 13: Pátio do Sítio Tamancão.....	38
FIGURA 14: Detalhe fachada Sítio Tamancão.....	38
FIGURA 15: Fachada Sítio Tamancão.....	38
FIGURA 16: Detalhe da parede com azulejos do Sítio Tamancão.....	38
FIGURA 17: Fachada Sítio Piranhenga.....	39
FIGURA 18: Escadaria Sítio Piranhenga.....	39
FIGURA 19: Patamar da escadaria do Sítio Piranhenga.....	40
FIGURA 20: CAPELA.....	40
FIGURA 21: Silhar da Capela.....	40
FIGURA 22: Embrechado no Sítio Piranhenga.....	40
FIGURA 23: Ruínas do Sítio do Físico.....	41
FIGURA 24: Tanques de curtume do Sítio do Físico.....	41

FIGURA 25: Mapa de Evolução Histórica da Ilha.....	43
FIGURA 26: Fachada de casarão na Fé em Deus.....	44
FIGURA 27: Lacunas de azulejos e bandeira.....	44
FIGURA 28: Azulejos.....	44
FIGURA 29: Friso e azulejo.....	44
FIGURA 30: Clínica no Olho D'Água.....	45
FIGURA 31: Casa de veraneio no Olho D'Água	45
FIGURA 32: Cozinha Casa COR.....	56
FIGURA 33: Área de lazer no Olho D'Água	57
FIGURA 34: Residência no Renascença I.....	58

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Azulejos.....	47
TABELA 2: Padrões mais encontrados.....	54

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE FIGURAS.....	8
LISTA DE TABELAS.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1. JUSTIFICATIVA.....	14
1.1.1. Justificativa Sociocultural.....	15
1.1.2. Justificativa Acadêmico-científica.....	15
1.1.3. Justificativa Profissional.....	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
3. OBJETIVOS.....	19
3.1. OBJETIVO GERAL.....	19
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
3.2.1. Aderência à linha de pesquisa.....	19
3.2.2. Aderência à temática de pesquisa.....	19
4. METODOLOGIA.....	21
4.1. PROCEDIMENTO TÉCNICO.....	21
4.2. ABORDAGEM.....	21
4.3. PESQUISA DE CAMPO.....	21
4.4. ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO.....	22
5. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO AZULEJO.....	23
5.1. ORIGEM DA PALAVRA E DO AZULEJO.....	23
6. AZULEJARIA PORTUGUESA NO MARANHÃO.....	24
6.1. PADRÕES, TÉCNICAS DECORATIVAS E FORMAS DE APLICAÇÃO... ..	26
6.1.1. Azulejos em Estampilha.....	27
6.1.2. Azulejos em Decalcomania.....	28
6.1.3. Azulejos em Relevo.....	29
6.1.4. Azulejos em Majólica.....	30
6.1.5. Adornos.....	30
6.1.6. Painéis Almofadados.....	31
6.2 ELEMENTOS COMPLEMENTARES, FRISOS E CERCADURAS.....	31
6.3 CARACTERÍSTICAS DOS AZULEJOS DO SÉCULO XIX.....	32
7. CAMINHOS DOS AZULEJOS EM SÃO LUÍS.....	34
7.1. ÁREAS TOMBADAS.....	34
7.1.1. Setor de Proteção Federal.....	34
7.1.2. Setor de Proteção Estadual.....	34
7.2. OS CAMINHOS.....	35
7.2.1. Os Sítios.....	36

7.2.1.1. <i>Sítio Tamancão</i>	37
7.2.1.2. <i>Sítio Piranhenga</i>	38
7.2.1.3. <i>Sítio do Físico</i>	40
7.2.2. <i>Madre Deus e Remédios</i>	41
7.2.3. <i>Caminho Grande</i>	42
7.2.4. <i>A Cidade Moderna: Renascença e Olho D'Água</i>	45
8. AZULEJARIA PORTUGUESA NA CONTEMPORANEIDADE EM SÃO LUÍS	46
8.1. ACHADOS	46
8.2. PADRÕES ENCONTRADOS	53
8.3. NOVOS USOS DA AZULEJARIA EM SÃO LUÍS	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICES	66
ANEXOS	77
GLOSSÁRIO	82

1 INTRODUÇÃO

A concepção deste trabalho tem como objetivo o estudo, a pesquisa e análise dos caminhos percorridos pelos azulejos portugueses dos séculos XVIII, XIX e XX em São Luís. Parte desta Arte Azulejar está presente na área fora do tombamento estadual da cidade de São Luís, mais precisamente nos arredores do Centro Histórico, nos sítios do século XIX que se encontram na margem direita do Rio Bacanga e nos bairros que surgiram acompanhando o “Caminho Grande” ou até na “cidade moderna”, em bairros como o Renascença e o Olho D’Água.

Visa analisar a inserção do azulejo português na arquitetura civil de São Luís, mostrando suas características estéticas que proporcionaram a difusão de uma cultura.

Tivemos de usar como base especialmente, o trabalho da pesquisadora e arquiteta Dora Alcântara, discípula do engenheiro João Miguel dos Santos Simões, um dos maiores especialistas da historiografia da azulejaria mundial, como a fonte principal das informações. Além do próprio Santos Simões e dos trabalhos de José Wash Rodrigues, Olavo Pereira da Silva e do Professor José Meco.

1.1 JUSTIFICATIVA

O azulejo como revestimento, no início, era usado para a decoração e como elemento para o impedimento da corrosão das paredes (AMARAL, 2002). Com o tempo, especialmente a partir do século XIX, o azulejo passou a ser utilizado no revestimento das paredes externas de sobrados e casas brasileiras abastadas, valorizando as fachadas e proporcionando melhores condições térmicas no interior do ambiente pelo fato da cerâmica ser refletora dos raios solares.

Parte desse acervo está na arquitetura civil, nas áreas fora do Tombamento Estadual e Federal. São aproximadamente 31 edificações seguindo o Caminho Grande, destas, só uma com fachada azulejada. O restante possui adornos isolados ou faixas; algumas edificações com painéis

almofadados do século XVIII, remanescentes de igreja ou residências demolidas no Centro Histórico, além dos sítios históricos do outro lado do Rio Bacanga.

As casas de “sítios”, nos arredores de São Luís, eram quintas semi-rurais de acesso fluvial. Tinham um importante papel na vida econômica da cidade como centros de produção de matérias-primas regionais. A casa desempenhava um papel exclusivamente residencial, fachadas alpendradas, vestíbulos servindo de sala central, capela e aplicação de azulejos. O conjunto, à margem do Bacanga adiante de São Luís, fica num local de rara beleza descendo para o rio, foram construídos no século XIX. Nos três sítios ainda existentes foram feitas aplicações de azulejos portugueses, dos três só encontramos um com acervo azulejar, o Sítio Piranhenga.

1.1.1 Justificativa Sociocultural

Realizar um estudo sobre os azulejos portugueses em São Luís do Maranhão, resgatando sua história e seus valores para a população, bem como, de que maneira eles influenciaram e/ou fazem parte da arquitetura na cidade de São Luís, e como esses valores podem ser preservados. O interesse pela preservação do patrimônio azulejar é recente, comparado com outros tipos de manifestações culturais e a preservação visa defender, salvaguardar e conservar, assim estaremos preservando nossa cultura para as futuras gerações.

1.1.2 Justificativa Acadêmico-científica

Desenvolver uma pesquisa que visando agregar valor à formação acadêmica servirá como embasamento para a prática profissional, além de aumentar a bibliografia existente sobre o tema, onde também poderá servir de base tanto para o início quanto para a continuação do estudo desta temática.

1.1.3 Justificativa Profissional

Uma pesquisa aprofundada sobre o tema e sua presença numa região específica é importante e necessária, antes de qualquer intervenção de restauro e conservação. Deve-se também observar os valores histórico, artístico e cultural, bem como de seus materiais constituintes para que os mesmos sejam preservados e mantidos em sua integridade física, conhecer para preservar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No ano 2001, participei da elaboração do Projeto de Salvaguarda da Azulejaria Maranhense, cujo objetivo principal era identificar e documentar todo o acervo azulejar do Estado, devido à necessidade de reverter e estagnar o avançado processo de deterioração deste acervo. Partimos do princípio de que seria necessário conhecer para preservar. Após o conhecimento, fizemos o diagnóstico da situação física desse acervo para só então partir para ações de conservação e restauro. O projeto, que teve início em Janeiro de 2004, foi dividido em etapas, a saber:

1ª Etapa:

- Inventário dos Azulejos do Centro Histórico de São Luís
- Inventário dos Azulejos da Ilha de São Luís
- Inventário dos Azulejos das cidades históricas do Estado do Maranhão

2ª Etapa:

- Curso de Manufatura, Conservação e Restauro de Azulejos.
- Projeto “Educar para preservar”

3ª Etapa:

- Painéis de Azulejos do Século XX de São Luís (Cartões Postais)
- Projeto “Educar para Preservar”.

Para proceder ao inventário, utilizamos para dar suporte aos trabalhos a pesquisa da arquiteta Dora Alcântara na obra “*Azulejos Portugueses em São Luís do Maranhão*” (1980). Através do trabalho da professora Dora Alcântara, descobrimos o grande pesquisador da azulejaria portuguesa J. M. dos Santos Simões (*Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*), de quem a professora foi discípula). Também foram de grande importância os trabalhos de Olavo Pereira da Silva (*Arquitetura Luso-Brasileira no Maranhão*, 1986) e José Wasth Rodrigues (*Documentário Arquitetônico*, 1979).

Ao entender o azulejo como uma arte que define a identidade cultural portuguesa, o engenheiro e estudioso português, João Miguel Santos Simões, dedicou estudo intenso a esta arte e realizou um inventário intitulado *Corpus da Azulejaria Portuguesa*, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian, entre as décadas de 40 e 70 do século XX. Nesse mesmo período, o historiador da arte Mário Barata, brasileiro, residente na cidade do Rio de Janeiro, defendeu dissertação de mestrado intitulada *Os Azulejos no Brasil*, editado em 1957, na qual o azulejo é visto enquanto manifestação artística integrada ao patrimônio brasileiro. O interesse comum deu início a uma troca de informações entre estes dois estudiosos e teve como fruto o livro *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*, de João Miguel Santos Simões, em 1965, patrocinado pela mesma Fundação.

Munidos de todas estas informações, partimos para a pesquisa de campo nas áreas que ficaram fora do tombamento estadual, a começar pelos sítios do século XIX, depois o Bairro dos Remédios, o Monte Castelo, Apeadouro, João Paulo, Jordoa e Cutim, procurando seguir o trajeto do “Caminho Grande”. A seguir passamos aos bairros Renascença e Olho D’Água por já sabermos da existência de azulejos portugueses neles.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a azulejaria portuguesa enquanto elemento que contribui para a leitura histórica da cidade dotada de uma contextualização num importante momento histórico de nossa sociedade, apresentando-o como elemento decorativo, identificando as diversas formas de aplicação deste acervo nas construções civis nas áreas fora dos tombamentos estadual e federal, para manter a memória da azulejaria maranhense, preservando-a para a atual e futuras gerações.

3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

3.2.1 Aderência à linha de pesquisa:

- Enriquecer as bibliografias existentes sobre mais um dos diversos ramos da arquitetura e o do patrimônio histórico e cultural através da inserção do azulejo português na arquitetura civil, especificamente fora do centro histórico de São Luís mostrando as características estéticas que proporcionaram a difusão de uma cultura;
- Identificar padrões e técnicas de decoração deste acervo azulejar;
- Identificar os estilos arquitetônicos das edificações com azulejaria portuguesa nos percursos escolhidos.

3.2.2 Aderência à temática da pesquisa:

- Aprimorar conhecimentos nessa área, em se tratando da temática História dos Azulejos e a influência da arte azulejar portuguesa em São Luís.
- Comentar as diversas formas de aplicação da azulejaria portuguesa no acervo arquitetônico civil de São Luís;
- Encontrar os caminhos percorridos pela azulejaria portuguesa do Centro Histórico para os arredores.

- Sensibilizar estudantes e professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão do enorme valor de nosso patrimônio azulejar;
- Divulgar a memória da azulejaria maranhense, preservando-a para as atuais e futuras gerações;
- Contribuir para projetos de conservação e restauro do acervo azulejar de São Luís a fim de motivar sua preservação para futuras gerações.

4 METODOLOGIA

4.1 PROCEDIMENTO TÉCNICO

O trabalho foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e em banco de dados (Oficina de Azulejaria do Centro de Criatividade Odylo Costa, filho); analisamos a história dos azulejos, seus valores, formas de aplicação, padrões e técnicas de decoração, adquirindo-se assim, maiores informações sobre o tema, facilitando sua compreensão e possibilitando o desenvolvimento de uma análise calcada em princípios teóricos fornecendo maior credibilidade à pesquisa.

4.2 ABORDAGEM

Para tanto, foi realizado estudo específico sobre os azulejos portugueses, as técnicas de decoração usadas ligando-os à arquitetura brasileira, bem como o levantamento das fontes, leitura e fichamento desse material. Após a escolha dos caminhos a percorrer partimos para a pesquisa de campo.

4.3 PESQUISA DE CAMPO

A fim de tornar bem claros os objetivos que nos propusemos, é importante definir os limites que decidimos impor à realização desta pesquisa. A pesquisa foi feita quanto aos limites geográficos, na área que vai da margem direita do Rio Bacanga, o Bairro Monte Castelo, Apeadouro, João Paulo, Jordoa e Cutim; contorno do Centro Histórico (Madre Deus, Codozinho, Remédios), Renascença e Olho D'Água.

Para a localização dos exemplares da azulejaria portuguesa existentes na cidade de São Luís, inicialmente, pesquisou-se no banco de dados da Oficina de Azulejaria do Centro de Criatividade Odylo Costa, filho, órgão da Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão, os prédios catalogados no

Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão. Posteriormente, foram visitados os locais identificados para a confirmação do levantamento cadastral, análise tipológica dos azulejos. Os dados obtidos foram catalogados e registrados fotograficamente.

Na pesquisa de campo identificamos outras edificações civis com revestimento azulejar e passamos ao preenchimento de fichas de identificação do imóvel e dos azulejos, seguido do registro fotográfico dos locais de aplicação e fachadas.

4.4 ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO

Para elaborar o relatório, foi feita a análise e revisão dos dados coletados nas pesquisas de campo e bibliográfica. A seguir localizamos no mapa da ilha os locais encontrados e passamos à elaboração do relatório propriamente dito.

5 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO AZULEJO

5.1 ORIGEM DA PALAVRA E DO AZULEJO

A proveniência do termo não tem uma afirmação geral. Uma parte dos etimologistas parece concordar num ponto: O substantivo *azulejo* teria tido origem persa, de raiz mesopotâmica, no adjetivo *azul*, que descreve uma pedra semipreciosa, de cor muito forte e já então muito conhecida – o *lápis-lazúli*. Esta pedra era usada por gregos e romanos, como também pelos árabes. O adjetivo *azul* passou a *zul* e dele derivou a forma verbal *zulej*, que define um objeto “polido, escorregadio e brilhante”. No norte da África, a forma *zulej* transformou-se em *zulij*. De *zulij* saiu o substantivo *azzelij*, que, por comodidade fonética, haveria de se pronunciar *az’lij*. Essa forma podemos encontrar já na Espanha muçulmana. Finalmente, no século XIII, aparece o termo *azulejo*, na sua forma definitiva em Portugal (SIMÕES, 1969, p. 41).

O objeto consiste num artefato cerâmico de pouca espessura, geralmente, quadrado em que uma das faces é vidrada, resultado da cozedura de um revestimento usualmente denominado como esmalte, que se torna impermeável e brilhante. Esta face pode ser monocromática ou policromática, lisa ou em relevo. É comumente usado em grande número como elemento associado à arquitetura no revestimento de superfícies interiores ou exteriores ou como elemento decorativo isolado.

O azulejo chegou à Europa no século VI e a partir daí traça trajetória de crescimento quer seja em seu desenvolvimento tecnológico ou em sua vasta aceitação em toda parte do mundo. No Brasil o azulejo começou a ser utilizado no século XVII com a vinda dos portugueses e entrou na vida dos brasileiros de forma intensa. Com isso, o patrimônio azulejar ocupa lugar não só no Patrimônio Histórico e Artístico do nosso país, como também no Patrimônio da Humanidade, destacando-se pela qualidade, quantidade e especificidade de estilos, materiais e técnicas.

6 AZULEJARIA PORTUGUESA NO MARANHÃO

O azulejo foi produzido no território português provavelmente a partir do início do século XVI (SANTOS SIMÕES, 1969). Apesar de não terem inventado o azulejo, os portugueses usam-no de forma original, para revestir paredes, pavimentos, lareiras, bancos, lagos ou fontes. O azulejo acompanhou como complemento o gosto de cada época “casando-se” com a própria arquitetura e integrando-se na estilística arquitetônica do seu tempo.

No Brasil o azulejo chegou pelas mãos dos portugueses, servindo de lastro aos navios que efetivavam as permutas comerciais durante os séculos XVII e XVIII. Desses carregamentos faziam parte painéis decorativos para igrejas e palácios e também os azulejos brancos de caráter utilitário, que ganharam um incremento na sua aplicação exterior em igrejas e residências durante o século XVIII.

De acordo com Santos Simões (1965, p.36), foram os construtores brasileiros os primeiros a fazerem uso de azulejos nas fachadas, numa tentativa de proteger as edificações da ação inclemente do clima quente e úmido do Brasil e os consequentes problemas de conservação e impermeabilização.

O Conjunto azulejar de São Luís é um tesouro de formas, decorações e cores, como uma exposição de arte, que reveste os casarões antigos, embeleza as ruas e ladeiras da cidade contando sua história cultural. Os padrões formam os tapetes, e as fachadas, uma coleção de azulejos ornamentais expostos permanentemente em São Luís, inspirados na criatividade de artesões e artistas de vários países do continente europeu, predominando o gosto lusitano pela arte cerâmica.

No século XIX um expressivo número de azulejos de tapetes com diversos padrões, manufaturados na técnica de estampilha, são importados de Portugal para utilização nos revestimentos das fachadas do casario de São Luís. No intervalo compreendido entre 1843 a 1879 registra-se a chegada ao porto de São Luís de vários navios com carregamentos de azulejos, sendo 90% provenientes de Lisboa, e o restante da cidade do Porto. São Luís recebeu

também, mas em quantidade bem menor, azulejos procedentes da França, Bélgica e Alemanha (FIGUEIREDO, VARUM, COSTA, 2012).

O fato de São Luís ter sido colônia de Portugal foi determinante na configuração atual da cidade. Hoje Patrimônio Cultural da Humanidade, título concedido pela UNESCO, o conjunto arquitetônico de São Luís é resultado do período áureo que viveu a cidade nos séculos XVIII e principalmente XIX.



Figura 1 – Perfil da Rua do Sol demonstrando o estilo tradicional português, o estilo eclético e as diversas tipologias arquitetônicas encontradas no centro histórico de São Luís.
Fonte: Superintendência do Patrimônio Cultural (2010).

A criação da Companhia Geral do Comércio do Grão Pará e Maranhão, em 1755, gerou circulação de riquezas, devido incentivo ao cultivo do algodão e açúcar, o que propiciou aos seus habitantes uma elevada qualidade de vida, tornando a cidade de São Luís a quarta cidade brasileira em desenvolvimento e prosperidade. Porém, a colônia com seu clima quente e úmido, com períodos de fortes chuvas típicas do clima tropical conseguiu intervir na rígida forma construtiva vinda da metrópole. Com o crescimento econômico a hierarquização econômica reflete-se na forma de moradia, assim a diferenciação do poder aquisitivo da população ludovicense repete-se através da tipologia existente, as moradas inteiras, as meia moradas e suas variações eram ocupadas pelos funcionários públicos, profissionais liberais e pequenos comerciantes; já nas porta-e-janelas morava a população mais pobre.

A maioria dos azulejos antigos de São Luís data do final do século XIX e início do século XX. Estes estão nas fachadas das edificações que se encontram no centro da cidade e no seu entorno. Foi no período econômico mais próspero da região (século XIX), que ocorreu um aumento da importação de azulejos vindos da Europa e houve uma maior diversidade dos exemplares.

Os primórdios do azulejamento de fachadas em São Luis, segundo Dora Alcântara (1980, p.19) deu-se em janeiro de 1843. A primeira informação

sobre os azulejos de São Luís, ainda segundo a professora Dora Alcântara, aparece na “notícia sobre uma importação no século XVIII, que nos fornece o trabalho, recentemente publicado, de Domingos Vieira Filho, *Azulejaria no Maranhão*”. Nesse trabalho o historiador Domingos Vieira Filho comenta que em 1798 chegaram a São Luís 107.402 azulejos. Os referidos azulejos provavelmente devem ter sido aplicados como silhar no interior de igrejas ou residências, pois o gosto por azulejar as fachadas das moradas térreas e sobrados maranhenses só começa a partir da década de 1840 (ALCÂNTARA, 1980).

6.1 PADRÕES, TÉCNICAS DECORATIVAS E FORMAS DE APLICAÇÃO DOS AZULEJOS PORTUGUESES ENCONTRADOS.

Quando falamos no revestimento exterior dos edifícios, o azulejo usado é fundamentalmente o de padrão, que, como o nome indica apresenta uma composição ornamental repetida de forma regular, criando um tapete. O módulo de repetição é em geral quadrado e formado por um número variável de azulejos. Nos séculos XIX e XX os padrões seriam geralmente formados por módulos de um ou quatro azulejos, o que recobra a tradição dos tapetes do século XVII. A maioria dos padrões é composta por módulos de quatro elementos, iguais, segundo a fórmula “2x2/1”. Quatro elementos unidos, 2 por 2, vão formar um módulo, ou seja o padrão completo que se vai repetir para criar o tapete. Excepcionalmente aparecem padrões formados por dois ou mais azulejos distintos.

Qualquer observador atento pode constatar que a azulejaria de fachada em São Luís, possui características próprias. Isto não significa que grande parte dos padrões não se encontre noutras localidades. Mas, o que se verifica em São Luís é o predomínio de certas tendências, quer no tipo dos azulejos, quer na forma da sua aplicação. O resultado é um estilo diferente da azulejaria e um efeito particular sobre a paisagem urbana.

6.1.1 Azulejos em Estampilha

No século XIX, há um crescente retorno aos painéis ornamentais, iniciando com azulejos de grinaldas em flores, elementos lineares policrômicos em amarelo e branco, branco e azul. É nesse período que nasce o azulejo estampilhado, de produção semi-industrial, com motivos florais estilizados ou geométricos, voltando à arte do azulejo tipo tapete ornamental. Comparando com os azulejos de figuras, em azul e branco do século anterior, é notório o declínio da qualidade de desenho, composição e originalidade. Vistos, entretanto, no conjunto, obtém-se um efeito bastante expressivo com rico aspecto linear e cromático (ALCÂNTARA, 1980).

As fábricas que produziram este tipo de azulejos adotaram um formato estandardizado 13x13 ou 14x14cm. A pintura era feita manualmente, à trincha, sobre papel encerado e recortado com os desenhos pretendidos (a chamada “estampilha”), colocado na superfície do azulejo, a qual estava revestida por esmalte estanífero. Quando se retirava a estampilha, ficavam pintados no azulejo os traçados correlativos aos recortes.

A pintura nesta técnica era feita através de uma trincha, por isso era frequente a marca dos seus pelos, assim como ligeiros alastramentos de tinta junto dos limites na superfície nobre; como ainda hoje se pode observar em vários exemplares.

A grande comercialização acarretou também uma grande variedade de composições, tornando-se usuais as soluções em azul e branco e ainda os esquemas policromáticos. É possível encontrar traçados geométricos, elementos vegetais, florais ou fitomórficos, além de desenhos inspirados em padrões antigos.



Figura 2 – Recorte da estampilha.
Fonte: Melo, 2009.



Figura 3 – Aplicação de tinta.
Fonte: Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação (LACORE), 2012.

Em nosso levantamento, a maioria dos azulejos encontrada foi em Estampilha, azul sobre fundo branco ou em policromia.

6.1.2 Azulejos em Decalcomania

Um pouco antes do final do século XIX, surgiu uma nova técnica, a estampagem mecânica, também conhecida por decalcomania (*transfer-prints*). Representou um passo importante no processo de industrialização da decoração do azulejo, tornando-o mais econômico que o de estampilha ou que o relevado. Era executada através da prensagem mecânica de uma estampa de papel numa das faces do azulejo e da aplicação posterior de uma camada de vidro transparente, através do qual se via a estampa aplicada. Estas estampas eram obtidas através de matrizes de metal importadas da Inglaterra ou inspiradas em desenhos ingleses e os seus tons esbatidos, de contornos pouco definidos. A estampa tanto podia ser aplicada no vidro cozido como na chacota, mas neste caso, exigia uma cozedura antes do banho de vidro transparente, para queimar a gordura do óleo que servia de veículo para a estampagem.



Figura 4 – Decalque recortado e mergulhado.
Fonte:
<http://elisabethsarkis.blogspot.com.br/2008/04/decalque-na-porcelana-passo-passo.html>



Figura 5 – Aplicação do decalque na peça.
Fonte:
<http://elisabethsarkis.blogspot.com.br/2008/04/decalque-na-porcelana-passo-passo.html>

Durante a pesquisa de campo só encontramos duas edificações com padrão em decalcomania, aplicados em forma de adornos isolados, azul e branco com motivos fitomórficos (flores).

6.1.3 Azulejos de relevo

Os azulejos de relevo começaram a ser produzidos no século XIX, principalmente na fábrica de Massarelos, no Porto, sob influência da faiança moldada. Foi utilizada a mão de obra acostumada a produzir peças decorativas de cerâmica que adaptaram suas técnicas ao fabrico dos azulejos. Os azulejos eram feitos manualmente, aplicando-se a argila num molde e comprimindo-se as partes mais grossas da placa de barro com os dedos.



Figura 6 – Técnica de relevo. Fonte: Letícia Castro, 2005.

Foram encontrados azulejos relevados somente no Sítio Piranhenga no revestimento da fachada da capela e alguns frisos como adornos.

6.1.4 Azulejos em Majólica

Técnica vinda de Itália e introduzida na Península Ibérica em meados do século XVI. O termo faiança, utilizado a partir do século XVII, tem origem no centro italiano Faenza onde era produzida esta cerâmica.

A majólica veio substituir a pintura sobre a peça já cozida, a qual era depois vidrada. O óxido de estanho oferece à superfície (vidrado) uma coloração branca translúcida na qual é possível aplicar diretamente o pigmento solúvel de óxidos metálicos. Os pigmentos são imediatamente absorvidos, podendo posteriormente fazer correções. O azulejo é então colocado novamente no forno revelando, só após a cozedura, as respectivas cores utilizadas.



Figura 7 – Técnica de majólica. Fonte: Letícia Castro, 2005.

6.1.5 Adornos

Bastante encontrados em São Luís, os adornos isolados são pequenos agrupamentos de azulejos lisos, de tapete ou de padrão único, decorados nas técnicas de estampilha ou majólica, emoldurando ou delimitando portas, janelas e vãos. Algumas vezes aparece só a composição do “tapete” (os quatro azulejos), localizada simetricamente na parte superior da fachada. Também foram encontrados adornos com peças de cercaduras, de frisos estampilhados, azulejos sem decoração e lisos. Alguns padrões de azulejos só foram encontrados em adornos.



Figura 8 – Rua S. Pantaleão.
Fonte: LIMA, 2012.



Figura 9 – Rua da Cruz.
Fonte: LIMA, 2012.

6.1.6 Painéis Almofadados

Em Portugal, por uma questão cultural, era mais comum o uso de azulejos pintados para dar a impressão de mármore, do que a utilização da própria pedra. Segundo o engenheiro e pesquisador Santos Simões (p.189, 1965), os “painéis decorativos do tipo almofadas marmoreadas, vulgaríssimo na fabricação lisboeta de 1790-1805”.

De acordo com a descrição da arquiteta e pesquisadora Dora Alcântara, os painéis são:

[...] painéis emoldurados com cercaduras relativamente simples, complementadas por rodapés com efeitos de mármore. O interior desses painéis apresenta uma flor estilizada ou uma estrela, envolvidas por azulejos imitando mármore, tipo “almofadas marmoreadas”, ou por azulejos de tapete (ALCÂNTARA, 2005).

Durante o levantamento, encontramos três painéis almofadados, em duas residências, sendo dois com florão central igual e um com o motivo central diferente, cobrindo mesa de jantar ou ainda aplicado como “quadro” na sala de refeições. Estes painéis no passado eram silhares que revestiam ambientes nobres e igrejas.



Figura 10 – Painel almofadado ertencente à Igreja da Sé. Fonte: LIMA, 2012.

6.2 ELEMENTOS COMPLEMENTARES, FRISOS E CERCADURAS.

A azulejaria utilizada no revestimento das fachadas é na sua maioria acompanhada por guarnições (frisos e cercaduras), que formam enquadramentos marginais e delimitadores das superfícies envolvidas com padronagem.

As cercaduras e os frisos apresentam variados motivos decorativos: elementos florais e vegetais, por vezes estilizados, elementos fitomórficos, gregas, palmetas e ainda decoração geométrica. Em nossa pesquisa predominaram os frisos estampilhados. No que diz respeito às dimensões, as cercaduras geralmente tem o mesmo tamanho dos azulejos, isto é, variando entre 13,0 x 13,0 cm e 14,0 x 14,0 cm. Os frisos 6,5 x 13,5 cm, às vezes um pouco menos ou um pouco mais.

6.3 CARACTERÍSTICAS DOS AZULEJOS DO SÉCULO XIX

A arquitetura brasileira passou a contar, desde os meados do século XIX, com a presença do azulejo como animador e protetor das fachadas. Além desse traço distintivo utilitário, também apresentou outras implicações, inclusive de caráter social e humanístico, pois, ao vestir o edifício, estabeleceu um convívio diário com o transeunte. Assim, o azulejo não mais pertencia ao espaço nobre, nem ao ritual religioso, mas refletia a ostentação da nova

burguesia que, deste modo, colocava-se em posição diferenciada em relação às demais classes sociais.

No desenho dos azulejos do período encontramos frequentemente formas geométricas e vegetais estilizados, baseados em quadriláteros, octógonos de lados retos ou ainda retos e côncavos, alternados. É comum a utilização da diagonal no traçado regulador do desenho. O pensamento de Mário Barata (1955) é complementar: a lei da diagonalidade vem do período colonial, mas cresce com os padrões geometrizados do século dezanove. Círculos entrelaçados ou se tangenciando, diagonais cruzadas, polígonos e gregas ou ondas nas cercaduras. São frequentes os temas florais estilizados ou geométricos; neste período o azulejo como arte se liga ao tapete ornamental.

As dimensões dos azulejos são bastante variadas sendo a forma quadrada o tipo mais comum. Os azulejos Portugueses, porém apresentam em geral 13x13cm a 14x14cm e suas guarnições de forma quadrada apresentam as mesmas dimensões e técnicas utilizadas.

As cerâmicas de produção semi-industrial se desenvolvem ao mesmo tempo em que se percebe a perda gradativa das qualidades de desenho, composição e originalidade dos azulejos de figuras em azul e branco. Mesmo estampilhados, de produção semi-industrial, os azulejos do período revelam uma beleza de grande efeito, sobretudo quando vistos em conjunto com valorosas linhas e cores.

Da variedade de cores, de padrões, de brilhos, de figurações e ornatos resultam composições magníficas que transformam o cenário urbano. A azulejaria combina-se com as cantarias e serralharia artística, integrando-se, em muitos dos casos, de forma notável nos edifícios e funcionando como elemento estruturante da arquitetura.

7 CAMINHOS DA AZULEJARIA PORTUGUESA EM SÃO LUÍS

7.1 ÁREAS TOMBADAS

No ano de 1997, São Luís é declarada Patrimônio da Humanidade. A área de abrangência do Centro Histórico atualmente é constituída pelo núcleo primitivo da cidade datado do primeiro quartel do século XVII, e pelos espaços da expansão urbana ocorrida nos séculos XVIII, XIX e no início do XX. As duas áreas afetadas pelos tombamentos, federal e estadual, com cerca de 220 hectares abrangem uma área contínua que vai do Cais da Sagração/ Palácio dos Leões à Praça Deodoro/ Canto da Fabril (sentido leste - oeste) e da Praça Gonçalves Dias ao Bairro da Madre Deus/ São Pantaleão (sentido norte - sul). (SILVA, 1997)

7.1.6 Setor de Proteção Federal

Traça do século XVII, 1.000 exemplares de arquitetura tradicional portuguesa séculos XVIII e XIX, tombado pela União em 1974. Conjunto homogêneo correspondente ao primeiro período de urbanização do centro histórico.

7.1.7 Setor de Proteção Estadual

Expansão do núcleo original, 4.500 exemplares arquitetônicos de variados estilos: Tradicional Português, Eclético e Modernista, inicialmente delimitada como Zona de Entorno do Tombamento Federal, protegido pelo Estado desde 1986. Conjunto heterogêneo de arquitetura histórica, correspondente ao segundo período de urbanização de centro histórico nos séculos XIX e XX.



Figura 11 – Áreas tombadas. Fonte: FIGUEIREDO, VARUM, COSTA, 2012.

7.2 OS CAMINHOS

Com o desenvolvimento econômico do século XIX a cidade cresceu ao longo dos seus eixos naturais de expansão, o Caminho Grande, atual Rua Grande, Rua Rio Branco, dentre outros. Dessa forma as edificações dessas novas áreas tornam-se mais diversificadas com predominância não apenas coloniais e sim ecléticas resultantes das novas tendências do final do século XIX.

No ano de 1893 ocorrem medidas para a melhoria da circulação e transporte com a construção de mais dez quilômetros de trilhos até o Anil, mais uma vez, a preocupação do poder público em organizar a cidade. Nesse período “os limites da cidade não se estendiam para o outro lado do Rio Bacanga, nem para a margem esquerda do Rio Anil e terminavam no início do atual Bairro do Anil, no chamado Rio Cutim” (MARTINS, 2005, p. 29).

7.2.6.1 Sítio Tamancão

Localizado à margem esquerda do Rio Bacanga, em frente ao bairro do Desterro, era chamado “Ilha do Tamancão”, por ser cercado de manguezais. É formado por uma série de antigos armazéns, de casa grande e um complexo sistema de canais e comportas destinados ao aproveitamento do potencial hidráulico das marés.

O Sítio Tamancão, construção do início do século XIX que visava o beneficiamento de arroz, teve por engenheiro o português naturalizado brasileiro Joaquim Luis Simões Lírio.

Em 1842 era propriedade da “Viúva Brito e Castro”, com maquinário de 15 HP, produzindo 60/70 sacas de arroz por dia ocupando 25 escravos; em 1895 já era propriedade da firma “Henrique Gaspar & Cia”, com capital de 40 contos, ocupando área de 1.440 m² e além de processar arroz, fabricava sabão. Possuía motor hidráulico de 30 HP, com capacidade para pilar 30.000 sacas de arroz e fabricar 120.000 quilos de sabão; durante a Segunda Guerra Mundial foi utilizado como depósito de combustível.

Foi tombado pelo Governo do Estado por intermédio do Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão, através do decreto nº 11.592 de 12 de outubro de 1990.

Atualmente no Sítio Tamancão funcionam as instalações do Estaleiro Escola de São Luis, ocupando as áreas dos antigos galpões.

A casa grande do sítio é uma edificação semi-rural, com arquitetura de estilo tradicional português, dois pavimentos, em alvenaria de pedra e cal, planta em forma de “O” e pátio interno descoberto, correspondendo ao vão da escada que dá acesso às dependências de serviço. Possui rampas de acesso e havia azulejos na fachada, que foram retirados sendo por isso impossível sabermos que padrão era. Os revestimentos de azulejo que lá existiram são:

- PE 34 era o padrão que revestia grande parte da parede, até em cima no pátio interno; decoração estampilhada em forma de “X”, monocroma, século XIX, padrão 2x2 e dimensões 13,5 x 13,5 cm;

- PMJ. 12 padrão do século XVIII, pombalino, com desenho hachurado em diagonal, padrão 2x2 e dimensões 14,0 x 14,0 cm, está em situação de rodapé;

- Cercadura CMJ 17, holandesa, do século XIX e ficava localizada entre o PE 34 e o PMJ 12, numa só linha, da mesma forma em cima devendo ficar entre o forro e a parede.



Figura 13 – Pátio interno com escada. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 14 – Parte da fachada, vendo-se barra onde existiam azulejos. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 15 – Fachada. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 16 – Parede da escada e azulejos. Fonte: LIMA, 2012.

7.2.6.2 Sítio Piranhenga

Com mais de 200 anos, e uma área de aproximadamente 42 ha de preservação histórico, cultural e ambiental, o Sítio Piranhenga foi quase inteiramente construído por mãos escravas restando ainda muitas de suas marcas, como uma senzala próxima às margens do rio Bacanga.

No plano baixo do terreno encontram-se duas caieiras para fabricação de cal e um depósito entre as fornalhas para armazenar a produção e a matéria prima. O terminal do velho porto dá continuidade a uma escadaria com noventa e seis degraus, onde vemos bancos azulejados nas muretas de proteção para descanso dos transeuntes, ligando o cais ao jardim da Casa Grande e a Capela. Não foi encontrada informação sobre a data de edificação deste conjunto “semi-rural”; pelos resquícios históricos, conclui-se que é uma construção da primeira metade do século XIX, constando em uma lápide que se encontra na Igrejinha.

O Sítio Piranhenga, possui “setenta e cinco braças de frente, com oitenta e cinco de fundo” (352m²). Atualmente abriga o CEPROMAR – Centro de Educação Profissionalizante do Maranhão, ONG que tem por objetivo desenvolver atividades socioeducativas, desportivas e culturais junto aos moradores dos bairros adjacentes. Sobre o acervo azulejar ainda existe no local:

O azulejo é o principal elemento decorativo do Sítio e está presente em todos os espaços parietais, como peças isoladas na escadaria, muretas de arrimo, adornos compondo padronagens, revestindo bancos, encostos e peitoris, colunas de suporte de objetos ornamentais; fachada total da capela e dependência anexa; a nave da Igreja é contornada por silhares azulejados (LIMA, p.235, 2012).



Figura 17 – Fachada. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 18 – Escadaria. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 19 – Patamar. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 20 – Capela. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 21 – Silhar da capela. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 22 – Embrechado. Fonte: LIMA, 2012.

7.2.6.3 *Sítio Santo Antônio da Alegria ou Sítio do Físico*

Sua construção data de fins do século XVIII (1787 – 1796), situado à margem direita do rio Bacanga. Era de propriedade do Físico-mor da então Capitania Geral do Maranhão, Antônio José da Silva Pereira. Foi tombado pelo patrimônio histórico em 29 de janeiro de 1981.

Sua importância está relacionada ao fato do local ter abrigado a primeira indústria da região, com o beneficiamento do couro, arroz e ainda a fabricação de cera e cal. Além disso, após a morte do físico em 1817, passou a fabricar fogos de artifícios. Faziam parte do conjunto, além da residência do físico, curtume, fornos, conjunto de tanques, poços, armazéns, cais, laboratório, rampas, telheiros e canalizações com caixa de distribuição para os tanques.

Suas ruínas encontram-se entre os mais preciosos Sítios Arqueológicos do país. Em 1976, foi feito o "Relatório de Pesquisa

Arqueológica - Histórica e História sobre o Sítio Santo Antônio da Alegria (Sítio do Físico)". Através desse trabalho inúmeras informações foram levantadas, como os vários padrões de azulejos, do período pombalino encontrados nas escavações, àquela época o Sítio já estava em ruínas.



Figura 23 – Ruínas da casa. Fonte: LIMA, 2012.



Figura 24 – Tanques de curtume. Fonte: LIMA, 2012.

7.2.7 Madre Deus, Codozinho e Remédios.

Os primeiros registros do bairro Madre Deus datam de 1713, quando um vilarejo foi formado em torno de um local conhecido como Ponta de Santo Amaro. No final do século XIX, devido à instalação das fábricas de tecidos (Fábrica Cânhamo, Fábrica Santa Amélia, e Fábrica São Luís), teve sua população multiplicada.

Devido à disponibilidade de terrenos ociosos nas proximidades das fábricas, foram surgindo, no bairro, casas simples visando à moradia dos operários. A Madre de Deus, como era chamado o bairro antigamente, é o maior polo centralizador da cultura popular da capital. Lá encontramos no Largo do Caroçudo, somente uma edificação, de estilo popular, com adorno de quatro peças em azulejos azul e branco estampilhados, do século XIX, PE 27.

No Bairro Codozinho, em duas edificações encontramos adornos com azulejos do século XIX, que são o PE 01, conhecido por “ferradura”, bastante

conhecido da população de São Luís; e o PE 48 que é pouquíssimo visto por aqui.

No Cemitério do Gavião, um túmulo na rua principal, recebeu azulejos estampilhados em azul e branco, o PE 13, é um padrão 2 x 2, centros de rotação com desenhos de motivos fitomórficos nas extremidades, contornado por cercadura de folhas em cadeia, a CE 06 em azul e branco também.

Em 1881, a Rua dos Remédios, hoje Rua Rio Branco, segundo Zenckner (2010) “era ainda ‘arrabalde’, e no final dela erguia-se a Igreja dos Remédios de frente para um largo ainda sem pavimentação, em terra vermelha, onde aconteciam as festas para a padroeira dos Comerciantes”. Ficou conhecido como Bairro dos Remédios, região elevada com vistas para o Rio Anil, que se consolidou como zona residencial.

Na Rua do Coqueiro, edificação de estilo popular, esquina com a Rua dos Prazeres, encontramos um adorno de quatro peças, em estampilha.

7.2.3 Caminho Grande

Acesso ao interior da Ilha foi a Rua Grande, o principal elemento do crescimento urbano de São Luís. É a partir da Rua Grande, que se tornam claras as mudanças das características arquitetônicas, como o surgimento das platibandas cobrindo os beirais, adornos mais elaborados nas fachadas, a construção de um jardim lateral. Corresponde ao final da Rua Grande, seguindo as Avenidas Getúlio Vargas e João Pessoa, passando pelo bairro do Monte Castelo, João Paulo, Jordoa, Filipinho, Anil e continua avançando até os dias de hoje. É o corredor geográfico do eixo Centro-Anil. Primeiro foi chamado de Estrada Real, depois de Rua Larga e mais tarde Caminho Grande.

Considerado área rural, o caminho era rodeado por sítios, chácaras e quintas de famílias tradicionais. A expansão urbana foi reforçada com a instalação do parque fabril e com a política da profilaxia, em que o plano de remodelação da cidade visava eliminar do centro os moradores pobres, fazendo com que estes se acomodassem ao longo do então caminho, além da melhoria da infraestrutura de transporte na Avenida Getúlio Vargas. A colônia inglesa, que se instalou no Maranhão, manteve-se distante do núcleo inicial da

cidade, ocupando as imediações do Caminho Grande. Este fato teve enorme influência nos estilos de moradia de alguns moradores, pois uniu a herança portuguesa a influência inglesa dos bangalôs. Surgem então, novas formas de morar como as chácaras, os bangalôs da burguesia rural e as vilas operárias, que muitas vezes eram financiadas pelo governo local, com o fim de alojar a mão de obra para esses empreendimentos.

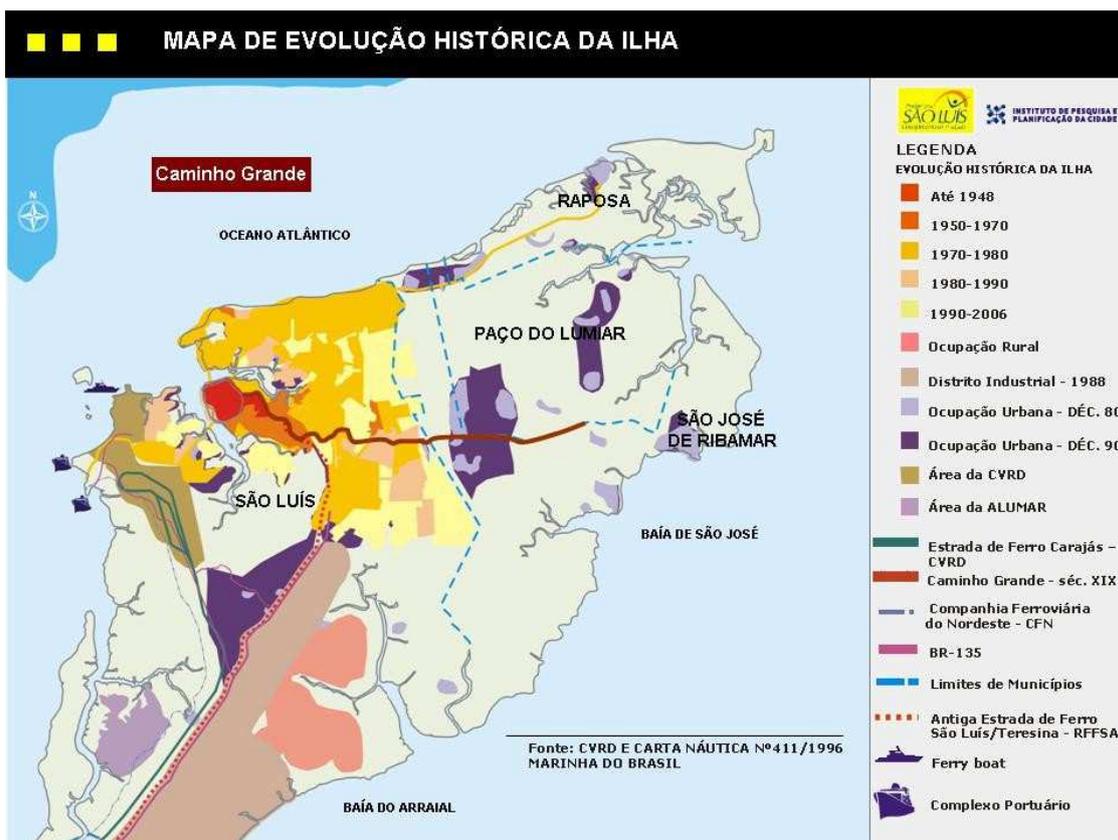


Figura 25 – Mapa de Evolução Histórica da Ilha, vendo-se em destaque o Caminho Grande. Fonte: Instituto de Pesquisa e Planificação da Cidade, 2006.

Um único prédio foi registrado com revestimento total de fachada, localiza-se no antigo *Porto de Roma*, hoje Fé em Deus. Durante a pesquisa de campo pudemos constatar que esse casarão está seriamente ameaçado, ao lado foi construído um bloco de apartamentos em que os moradores depredaram de saída exatamente o que restava desse prédio: retiraram todas as telhas e o madeirame; na frente, a poucos metros, passa a avenida nova que está sendo construída pelo PAC. Não foi feita pesquisa arqueológica no

local, embora no projeto original pretendessem transformá-lo num centro cultural, o que até agora não aconteceu.



Figura 26 – Fachada. Fonte: Superintendência de Patrimônio Cultural, (Secma), 2008.



Figura 27 – Lacunas de azulejos e bandeira. Fonte: Superintendência de Patrimônio Cultural, (Secma), 2008.



Figura 28 – Azulejos com perda de vidro. Fonte: Superintendência de Patrimônio Cultural, (Secma), 2008.



Figura 29 – Friso e azulejo. Fonte: Superintendência de Patrimônio Cultural (Secma), 2008.

Segundo Deusdedit Carneiro, arqueólogo que por ora lá se encontra pesquisando, “originalmente foi construído por dois irmãos portugueses no início do século XIX, portanto era uma construção imponente nas margens do rio Anil, teve um porto com algum movimento; No final do séc. XIX foi vendido à família Caldas; posteriormente as irmãs Doroteias do Anil se instalaram lá, tendo também uma capela que funcionou no local até meados dos anos 50. A seguir foi vendido à família Abdala que adaptou e utilizou o local no beneficiamento de coco babaçu e posteriormente como depósito de cimento”.

Observaremos na TAB. 1 os dados coletados durante a pesquisa de campo nos caminhos escolhidos.

7.2.8 A cidade moderna: Olho D'Água e Renascença

A camada social mais alta, que ocupou o bairro do São Francisco, miscigenado pela permanência dos antigos moradores (pescadores), anteriores à construção da ponte, se encontrava dispersa pelos loteamentos do Renascença I, Calhau e do Olho d'Água.

O lançamento imobiliário da Vila Balneária do Jardim Paulista, na praia do Olho d'Água, (O IMPARCIAL, 20/08/1950, p.2), vem confirmar a tendência de consolidação daquele local de veraneio, justificando os constantes serviços de recuperação e melhoria do acesso, empreendidas pela Prefeitura. Acessível através da Avenida Getúlio Vargas, então já com certo grau de indesejada miscigenação, o núcleo habitacional do Olho d'Água se converterá no primeiro polo de expansão além do Rio Anil (BURNETT, 2006).

No bairro do Olho D'Água, um padrão de azulejos em estampilha do século XIX, adornam a fachada de antiga residência de veraneio, hoje clínica psiquiátrica.



Figura 30 – Clínica psiquiátrica.
Fonte: Leticia Castro, 2013.



Figura 31 – Casa de veraneio. Fonte: Álbum Maranhão 1950, p.159.

8 AZULEJARIA PORTUGUESA NA CONTEMPORANEIDADE EM SÃO LUÍS

A contribuição de Portugal no campo da azulejaria repercute no Brasil desde o período colonial. A arquitetura brasileira - da colônia à atualidade - utiliza amplamente o azulejo em fachadas, painéis decorativos, espaços internos e externos.

Em São Luís, o azulejo português tem forte apelo e de vez em quando é lembrado sempre que se pensa em algo mais grandioso, algo que represente a cidade com orgulho. Assim, a azulejaria portuguesa é inserida na decoração/ornamentação de ambientes internos e externos das residências das classes sociais mais abastadas. Casar a tradição com a modernidade e fazer dos materiais nacionais e tradicionais ponte de ligação entre o colonial e a vanguarda.

8.1 ACHADOS

Para designação dos padrões e técnicas de decoração, usamos a mesma convenção do Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão:

P = padrão

C = cercadura

F = friso

M = marmoreado

E = estampilha

D = decalcomania

MJ = majólica

L = liso

Desta forma, PE significa Padrão Estampilha, ou então CMJ Cercadura Majólica, ou ainda PL Padrão Liso.

TABELA 1 - Azulejos

AZULEJOS						
Aplicação	Fachada	Estilo Arquitetônico	Tipo	Decoração	Local	Período
		Popular	Adorno isolado PE 62	Estampilha	Centro - Rua do Coqueiro	Séc. XIX
		Eclético	Adorno isolado PE 25	Estampilha	Centro - Rua Celso Magalhães	Séc. XIX
		Popular	Adornos PE 01	Estampilha	Codozinhão - Rua Tiradentes	Séc. XIX
		Popular	Adornos PE 48	Estampilha com retoques manuais	Codozinhão - Travessa do Passeio	Séc. XIX
		Sepultura	PE 13	Estampilha	Cemitério do Gavião	Séc. XIX
	Idem	Idem	CE 06	Estampilha	Cemitério do Gavião	Séc. XIX

		Popular	Adorno isolado PE 27	Estampilha	Madre Deus - Largo do Carocado / Av. Rui Barbosa	Séc. XIX
		Eclético	Fachada total PE 03, FE 08	Estampilha	Fé em Deus	Séc. XIX
	Idem	Idem	Fachada (preenchendo lacunas) PE 67	Estampilha com retoques manuais	Fé em Deus	Séc. XIX
	Idem	Idem	Fachada FE 14	Estampilha	Fé em Deus	Séc. XIX
		Popular	Adornos PE 47	Estampilha	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XIX
		Moderno	Adorno isolado na garagem PE 19	Estampilha com retoques manuais	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XIX
		Popular	Adorno isolado PE 01	Estampilha	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XIX
		Popular	Adornos PE 45	Estampilha com retoques manuais	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XIX
		Moderno	Mesa CMJ 12	Majólica	Monte Castelo - Av. Getúlio	Séc. XVIII

					Vargas	
	Idem	Idem	Mesa pequena	Majólica	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XVIII
	Idem	Idem	Jardim de inverno PE 85	Majólica	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XIX
	Idem	Idem	Nicho no banheiro PE 19	Estampilha com retoques manuais	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XIX
		Moderno	Sala de jantar Painel com CMJ 07	Majólica	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XVIII
	Idem	Idem	Lavabo CMJ 07	Majólica	Monte Castelo - Av. Getúlio Vargas	Séc. XVIII
		Popular	Fachada PE 27, FE 08, PE 33	Estampilha	Monte Castelo - Rua Adelson Ferro	Séc. XIX
		Popular	Adornos PE 72	Estampilha	Monte Castelo - Rua Catulo da Paixão Cearense	Séc. XIX
						

		Popular	Adorno isolado PE 14	Estampilha	Monte Castelo - Rua Catulo da Paixão Cearense	Séc. XIX
		Popular	Adorno isolado PD ?	Decalcomania	Monte Castelo - Rua Catulo da Paixão Cearense	Séc. XIX
		Popular	Adorno isolado PD ?	Decalcomania	Monte Castelo - Rua Catulo da Paixão Cearense	Início Séc. XX
		Moderno	Mesa de centro 1 CE 13	Estampilha	Monte Castelo - Rua Conde D'Eu	Séc. XIX
	Idem	Idem	Mesa de centro 2 PE 88, FE 02	Estampilha com retoques manuais	Monte Castelo - Rua Conde D'Eu	Séc. XIX
	Idem	Idem	Jardim CMJ 04	Majólica	Monte Castelo - Rua Conde D'Eu	Séc. XVIII
	Idem	Idem	Silhar no jardim de inverno PMJ 02, PM 04, PMJ 05	Majólica	Monte Castelo - Rua Conde D'Eu	Séc. XVIII
	Idem	Idem	Silhar na sala de estar PMJ13, CMJ 04	Majólica	Monte Castelo - Rua Conde D'Eu	Séc. XVIII

	Idem	Idem	Silhar no jardim de inverno PMJ13, CMJ04, PM 03	Majólica	Monte Castelo - Rua Conde D'Eu	Séc. XVIII
	Idem	Idem	Na sala de estar PMJ 23	Majólica	Monte Castelo - Rua Conde D'Eu	Séc. XVIII
		Popular	Adorno isolado PE 14	Estampilha	Monte Castelo - Rua da Veneza	Séc. XIX
		Popular	Adorno (contornando Registro Devocion.) PE 72	Estampilha	Monte Castelo - Rua Mourão Rangel	Início Séc. XX
		Popular	Faixas contornando janelas e porta PL 06	Liso s/ decoração	Monte Castelo - Rua Paulino Sousa	Início Séc. XX
		Popular	Adorno isolado PE 14	Estampilha	Monte Castelo - Rua Teófilo Dias	Séc. XIX
		Popular	Adorno isolado PE 27	Estampilha	Monte Castelo - Rua Teófilo Dias	Séc. XIX
		Popular	Adorno isolado PE 14	Estampilha	João Paulo - Rua Riachuelo	Séc. XIX

		Moderno	Mesa PE 33	Estampilha	Jordoa - Av. João Pessoa	Séc. XIX
		Eclético	Silhar na entrada PE 33, FE 12	Estampilha	Jordoa - Av. João Pessoa	Séc. XIX
	Idem	Idem	Base do balcão da janela FE 12	Estampilha	Jordoa - Av. João Pessoa	Séc. XIX
		Popular de porão alto	Faixa na sala PE 03	Estampilha	Cutim - Av. João Pessoa	Séc. XIX
		Eclético	Adornos PE 51	Estampilha	Olho D'Água - Rua Ivar Saldanha	Séc. XIX
	Idem	Idem	Pia PE ??	Estampilha	Olho D'Água - Rua Ivar Saldanha	Séc. XIX
		Moderno	Silhar na sala de estar PMJ 29, CMJ 07	Majólica	Renascen ça - Rua dos Pinheiros	Séc. XVIII

Fonte: Autoria própria.

8.2 PADRÕES ENCONTRADOS

A seguir uma síntese dos padrões de azulejos e frisos encontrados por bairros, onde fizemos uso dos códigos adotados na publicação Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão (LIMA, 2012):

- **Centro:** PE 62, PE 25.
- **Codozinho:** PE 01, PE 48.
- **Cutim:** PE 03
- **Fé em Deus:** PE 03, PE 67, FE 08, FE 14.
- **João Paulo:** PE 14
- **Jordoa:** PE 33, FE 12.
- **Madre Deus:** PE 27
- **Monte Castelo:** PE 47, PE 19, PE 01, PE 45, CMj 12, PE 85, PE 19, CMj 07, PE 27, PE 33, FE 08, PE 72, PE 14, CE 13, PE 88, FE 02, CMj 04, PMj 02, PM 04, PMj 05, PMj 13, CMj 04, PM 03, PMj 23, PE 14, PE 72, PL 06, PE 14, PE 27, Padrão novo (decalcomania).
- **Olho D'Água:** PE 51, Padrão novo (?).
- **Renascença:** PMj 29, CMj 07.

TABELA 2 – Padrões mais encontrados

PADRÕES DE AZULEJOS MAIS ENCONTRADOS		
CÓDIGO	AZULEJO	QUANTIDADE (edificações)
PE 27		04
PE 33		03
PE 14		03
FE 08		02
FE 12		02

Fonte: Autoria própria.

O friso FE 12, estampilha, é provavelmente da Fábrica Viúva Lamego em Lisboa (ALMASQUÉ, VELOSO, p.33, 1989); O azulejo PE 14 também muito frequente em Lisboa, possui cores vivas em desenhos fitomórficos de contornos bem definidos na decoração em estampilha; O padrão PE 33, conhecido pelos portugueses por “estrela e bicha”, “bicha da praça” ou “cobrinha”, possui variantes aqui em São Luís nas cores amarela ou azul claro. O azulejo PE 27, também possui decoração à estampilha, bem como o FE 08. Todos são do século XIX.

8. 3 NOVOS USOS DA AZULEJARIA PORTUGUESA EM SÃO LUÍS

O azulejo foi escolhido como suporte para aplicação do design gráfico em virtude da sua relevância histórica e sua funcionalidade enquanto produto. Tanto no passado, quanto no presente a sua funcionalidade não perdeu valor. Seu visual apresenta características de culturas diferentes. Além de ter uma presença muito significativa nas civilizações, apresenta sua superfície “em branco”, o que suscita nossa criatividade e acaba gerando uma superfície sempre rica em apelo estético, no sentido de constituir um convite à imaginação para preenchê-la e embelezá-la, enfim, decorá-la.

A arquitetura brasileira - da colônia à atualidade - utiliza amplamente o azulejo em fachadas, painéis decorativos, espaços internos e externos.

No século XX, a arte da azulejaria viveu momentos de grandes mudanças e passou a ser utilizada em obras públicas e residenciais. Na década de 1970, o azulejo foi considerado uma arte menor, fato que determinou uma radical redução, senão extinção, na sua produção. Na década de 1980 teve início um movimento de reconhecimento do valor da azulejaria produzida nos séculos passados, como obra de arte a ser fruída. Na década de 1990, essa valorização progrediu para uma preocupação com a sua conservação e restauro. Santos Simões (1965, p. 6) comenta: “São portanto dignos de louvor e credores da nossa admiração e respeito aqueles que primeiro aceitaram a azulejaria como demonstração de validade cultural e entenderam a sua mensagem portuguesa.”

Com a vinda do arquiteto Le Corbusier ao Brasil, vários arquitetos adotaram o uso de azulejaria em suas obras arquitetônicas e a utilização de materiais da terra. A sua presença, em 1929 e 1936, foi um estímulo ao emprego do azulejo. Arquitetos como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos, ouviram de Le Corbusier lições sobre a valorização dos materiais locais, inclusive velhos hábitos como o uso de azulejos nas edificações. Estes arquitetos começaram a utilizar este material não só como elemento funcional, mas também como um material nobre que serviria magnificamente como suporte a novas expressões plásticas, criando uma conexão entre arquitetura e a arte, a arte da azulejaria.

Vários artistas brasileiros trabalharam no campo da azulejaria integrada à arquitetura: Portinari, Burle Marx, Djanira, Poty, Caribé, Udo Knof, Antônio

Maluf, Adriana Varejão e Athos Bulcão. Todos se serviram do azulejo como um dos suportes para realizar intervenções artísticas em obras arquitetônicas.

De uns tempos para cá várias revistas de decoração elegeram os azulejos coloridos como o que há de mais *cool* para dar um *up* descontraído nas cozinhas. A estética da azulejaria tem ganhado outros espaços, como escadas, paredes divisórias, mesas e tetos, todos estão sendo povoados por azulejos contemporâneos.

Na verdade esse *revival* da azulejaria causa um frisson na decoração, pois se trata de um material com cheiro de passado próximo. Nos faz lembrar das raízes portuguesas embutidas na nossa cultura.

Em São Luís, no ano 2011, aconteceu a primeira CASA COR MARANHÃO e o azulejo marcou presença em alguns projetos de ambientes do evento. Tradição e contemporaneidade são o forte dos azulejos artesanais utilizados por alguns arquitetos na atualidade. Para os artesãos do século XXI, interessa-lhes, sobretudo, abordar o azulejo com respeito pelo passado e com os olhos no horizonte.



Figura 32 – Cozinha, projeto de Isabella Murad e Milena Estrela – Casa Cor Maranhão 2011.
Fonte: <http://casa.abril.com.br/materia/37-ambientes-da-casa-cor-maranhao-2011>



Figura 33 – Área de lazer em residência no bairro Olho D'Água, projeto Kalin Naue, 2010.
Fonte: NAUE, 2010.

Os azulejos para a cozinha da Casa Cor são réplicas do azulejo em alto relevo do século XIX, o mesmo da fachada da capela do Sítio Piranhenga (vide TAB. 4), só que a técnica de decoração utilizada pela artesã foi a Corda Seca, muito encontrada no comércio da Praia Grande, onde a superfície fica plana. Já os azulejos da área de lazer no Olho D'Água foram manufacturados pelos técnicos da Oficina de Azulejaria do Centro de Criatividade Odylo Costa, filho, na técnica tradicional portuguesa, ou seja, estampilha. São cópias dos padrões originais.

Como em todas as vertentes artísticas, surgem revivalismos que tentam trazer algo novo e reinventar técnicas antigas para os dias de hoje. Se antes a azulejaria portuguesa era algo confinado aos artesãos e mestres da ilustração em azulejo, hoje vemos nascer novos trabalhos aliados aos movimentos contemporâneos e técnicas digitais.

Desde sempre o azulejo se manteve como um veículo da arte portuguesa. Para os novos interessados no uso do azulejo é interessante o que era e o que pode vir a ser, não o que é agora.

Abaixo temos o registro de residência no bairro Renascença, São Francisco, com a fachada revestida em azulejos de padrão ferradura (PE 01). São réplicas feitas em serigrafia, processo muito antigo e versátil de reprodução de imagens cujo princípio é o uso de uma máscara (estêncil) para bloquear o escoamento de tinta nas áreas que não devem ser impressas. Usam-se esmaltes ao qual chamamos de “sobre esmaltes” por que são queimados numa temperatura mais baixa que o esmalte, são utilizados azulejos industriais à venda no comércio local.



Figura 34 - Residência no Renascença I, vendo-se à frente o padrão utilizado para os azulejos em serigrafia da fachada.

Fonte: Do próprio autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O azulejo, desde o seu surgimento histórico, apresenta composições visuais e padronagens gráficas interessantes. Vale mencionar que o produto reflete sua época ao constituir importante aspecto da cultura material do país que o originou.

No período colonial, foi bastante usado em fachadas de casas e sobrados e no início do século XX, o neocolonial começa e retomar o seu uso, ainda que timidamente, em frontões de fachadas ou como detalhes em muros e paredes externas.

O emprego do azulejo como elemento decorativo ou simples guarnecimento de paredes em edifícios modernos é assim uma consequência imediata da sua tradicional presença no acervo arquitetônico da cidade de São Luís. Mesmo na época atual em que a arquitetura do concreto armado moldada e monolítica reina, o uso do azulejo se faz presente.

O uso do azulejo na contemporaneidade vem confirmar o elo entre modernidade e tradição. A questão da nacionalidade; a inovação cedeu lugar a tradição.

Tem sido frequentemente salientada a importância e a riqueza do patrimônio azulejar de São Luís. No entanto, apesar do interesse que a temática do azulejo desperta, e do unânime reconhecimento do seu valor patrimonial, todo esse vasto patrimônio encontra-se ainda por estudar, de forma sistemática. O estudo desenvolvido proporcionou um conjunto detalhado de informações sobre o patrimônio e contribuirá para trabalhos futuros de pesquisa, conservação e restauro, com vista à preservação desse patrimônio azulejar.

É necessário preservar aquilo que de bom o nosso país tem, por isso fazemos aqui o apelo para que se não puderem ajudar na conservação e restauro dos azulejos danificados, pelo menos os habitantes de nossa cidade mostrem grande dose de civismo preservando-o.

Os resultados da pesquisa permitiram concluir que a principal forma de aplicação da azulejaria portuguesa nos trechos escolhidos é de Adornos, que a quase totalidade desses adornos é estampilhada, de quatro peças e quase

sempre localizam-se no frontão da edificação. Outro fator muito importante é que, a maioria das edificações é de estilo popular, principalmente as que possuem Adornos, caracterizando possíveis casas de operários, já que estão localizados próximos a locais onde antes existiam fábricas:

- Companhia de Fiação e Tecido do Rio Anil: Criada em 1893, localizada no Bairro do Anil;

- Companhia Fabril Maranhense: Criada em 1893, era localizada na Rua Senador João Pedro, Apicum;

- Companhia de Fiação e Tecido do Cânhamo: Criada em 1891, atualmente transformada no Centro de Produção Artesanal do Maranhão (CEPRAMA), na Rua Senador Costa Rodrigues;

- Companhia Industrial Maranhense: Criada em 1894, localizada a Rua dos Prazeres.

Os azulejos do século XVIII estão nas partes internas das edificações, valorizando salas de estar, jantar ou varandas e foram encontrados nas residências de maior poder aquisitivo, obtidos talvez através de colecionadores ou residências antes localizadas no Centro Histórico, ou ainda de antigas igrejas demolidas, como por exemplo, a de Nossa Senhora da Conceição à Rua Oswaldo Cruz. Foram encontrados três painéis de azulejos almofadados do século XVIII com florão central, decoração na técnica Majólica, sendo que um com o florão central diferente nunca antes visto aqui em São Luís.

No levantamento, encontramos 31 locais com azulejaria portuguesa, sendo que, destes, 10 não fazem parte do Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão; dois novos padrões foram localizados, um do século XVIII em forma de silhar, no bairro Renascença I e o outro em decalcomania como adorno no Monte Castelo, mais precisamente onde antes era chamado de “Baixinha”.

O legado do século XIX continua dando bons frutos a São Luís, que recebe anualmente milhares de turistas interessados na riqueza do nosso patrimônio. Atualmente, menos fachadas resistem ao tempo, com perdas evidentes. O roubo de azulejos também é um problema sério a ser combatido; além disso, as pichações, colagem de cartazes nas fachadas e colocação irregular de placas de propaganda nos prédios históricos tombados são permanentes ameaças.

Espera-se que a conclusão deste trabalho permita uma nova leitura sobre os azulejos que adornam as construções de São Luís. Um olhar que seja revelador da beleza e do estado de conservação do acervo azulejar, facilitando assim a atuação do poder público ou privado e da sociedade civil, nas ações de restauração, preservação e manutenção de nosso rico acervo, pedaços de cerâmica que percorrem os séculos mostrando os gostos, as técnicas, as preferências de cada época.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Dora. **Azulejos portugueses em São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Ed. Fontana, 1980.

ALCÂNTARA, Dora de (org.). **Azulejos na cultura luso-brasileira**. Brasília; Rio de Janeiro: Ministério da Cultura (MINC): Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 1997. 110 p. il. p& b. color.

ALMASQUÉ, Isabel; VELOSO, A. J. Barros. **Azulejos de fachada em Lisboa**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1999.

AMARAL, Carmem Helena. **A AZULEJARIA PORTUGUESA EM BELÉM (PA): História, estética e significado**. Belém: Universidade da Amazônia, 2002.
Disponível em:
http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/azulejaria_portuguesa.pdf
. Acesso em 15 de junho de 2013.

AMARAL, Liliane S. **Arquitetura e arte decorativa do azulejo no Brasil**.
Disponível em:
<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/2/arq_e_arte_de_corativa_do_azulejo_no_brasil.pdf> Acesso em: 15 de junho de 2013.

BARATA, Mário. **Azulejos no Brasil Séculos XVII, XVIII e XIX**. Tese apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade do Brasil para o concurso de professor catedrático de História da Arte. Rio de Janeiro, 1955.

BURNETT, Carlos Frederico Lago. **Além do Rio Anil, Urbanização e Desenvolvimento Sustentável: Estudo sobre a sustentabilidade dos tipos de urbanização na cidade de São Luís do Maranhão**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano, UFPE, julho 2002.

BURNETT, Carlos Frederico Lago. **Da Cidade Unitária à Metrópole Fragmentada**. IX SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, SÃO PAULO, 2006. Disponível em:
<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1127.pdf>
Acesso em 13 de julho 2013

FIGUEIREDO, Margareth Gomes de; VARUM, Humberto; COSTA, Aníbal.

Azulejos de Fachada em São Luís do Maranhão. In AZULEJAR 2012, Aveiro. Congresso Internacional de Azulejaria, 2012. Disponível em: http://ria.ua.pt/bitstream/10773/9999/1/J_065.pdf. Acesso em 13 de julho 2013

HOIRISH, Marisa; NAJJAR, Rosana P.M.; RIBEIRO, Rosina Trevisan M. **Azulejos do Palácio Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro.** Disponível em: <http://www.restaurabr.org/arc/arc02pdf/10azulejos.pdf>

JORGE, Miécio de Miranda. **Álbum do Maranhão.** São Luís: 1950.

LIMA, Zelinda Machado de Castro e (Org.). **Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão.** São Luís: Ed. AML, 2012.

MARTINS, Ananias. **São Luís: fundamentos do Patrimônio Cultural séculos XVII, XVIII e XIX.** São Luís: SANLUZ, 2005.

MACHADO, Zeila Maria de Oliveira. **FACES E INTERFACES: Uma Abordagem Multidisciplinar da Azulejaria.** Boletim Eletrônico da ABRACOR. Número 8, janeiro de 2013. Disponível em: http://www.abracor.com.br/boletim/BoletimCompleto_8.pdf. Acesso em 13 de maio 2013.

MECO, José. **Azulejaria Portuguesa.** Coleção Patrimônio Português. Bertrand Editora, 4ª edição, 1985.

MELLO NETO, Ulisses Pernanbucano de; MELLO, Virgínia. **Relatório de Pesquisa de Arqueologia Histórica e História sobre o Sítio Santo Antônio da Alegria (Sítio do Físico).** Recife, 1976.

MELLO NETO, Ulisses Pernanbucano de. **Azulejos do Sítio Santo Antônio da Alegria (Sítio do Físico).** São Luís, 15 de julho de 2013. Entrevista concedida ao autor.

MENDONÇA, Flávia. **Azulejaria em alta.** Blog CoZa. 17 de Maio de 2013. Disponível em <http://www.coza.com.br/blog/2013/05/azulejaria-em-alta>.

RODRIGUES, José Wash. **Documentário Arquitetônico. Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil.** Livraria Martins Editora S.A. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1975.

SANTOS, Célia Regina Mesquita. MOREIRA, Maria Lydia Neiva. **O Caminho Grande no descompasso entre o presente e o passado: O João Paulo na construção simbólica do espaço urbano.** Disponível em:

<http://paulorios.org/2011/01/29/o-caminho-grande-no-descompasso-entre-o-presente-e-o-passado-o-joao-paulo-na-construcao-simbolica-do-espaco-urbano>. Acesso em: 18 de junho 2013.

SEBASTIÃO, Walter. **Arte da azulejaria faz história na capital.** Disponível em: http://www.divirtase.uai.com.br/html/sessao_7/2010/03/16/ficha_agitos/id_sessao=7&id_noticia=21930/ficha_agitos.shtml. Acesso em 04 de março de 2013.

SILVA Fº, Olavo Pereira da. **Arquitetura Luso-Brasileira no Maranhão.** Brasília: GM, 1986.

SILVEIRA, Marcelle Cristiane da. **O azulejo na modernidade arquitetônica 1930 – 1960.** Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-25032010-154757/pt-br.php>. Acesso em 09 de jun. de 2013

SIMÕES, João Miguel dos Santos. **Azulejaria no Brasil.** Comunicação destinada ao Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, na Bahia, 1959. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº14. Rio de Janeiro, 1959. Disponível em <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3190>. Acesso em 04 de março de 2013.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. **Azulejaria Portuguesa no Brasil 1500-1822.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

SIMÕES, João Miguel dos Santos. **Azulejaria em Portugal nos séculos XVI e XVII.** Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1990.

Sítio do Físico: ruínas (São Luís). Série Patrimônio Industrial do Brasil (Maranhão). Disponível em: http://patrimoniointustrialbrasil.blogspot.com.br/2012/02/serie-patrimonio-industrial-do-brasil_28.html. Acesso em 15 de julho 2013.

SOUSA, Heloísa Maria Paes de. **O conforto ambiental na arquitetura colonial brasileira: heranças muçulmanas.** Disponível em: <http://www.faculdedamas.edu.br/revistas/index.php/arquitetura/article/viewFile/202/200>. Acesso em: 09 de jun. de 2013.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Azulejaria no Maranhão.** Fundação Cultural do Maranhão, 1978.

WANDERLEY, Ingrid Moura. **Os painéis de athos bulcão.** Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-10112006-142246/pt-br.php>. Acesso em 14 de junho de 2013.

ZENCKNER, Taís. **A CONSTRUÇÃO DE UM PATRIMÔNIO: São Luís de 1850 a 1899.** Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1404>. Acesso em 14 de julho 2013.

ZORGI, Vanessa. **Azulejo como suporte do Design Gráfico.** Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/62921515/AZULEJO-COMO-SUPORTE-DO-DESIGN-GRAFICO>. Acesso em 09 de jun. de 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – MAPEAMENTO DOS SETORES EM RELAÇÃO AO CENTRO HISTÓRICO.

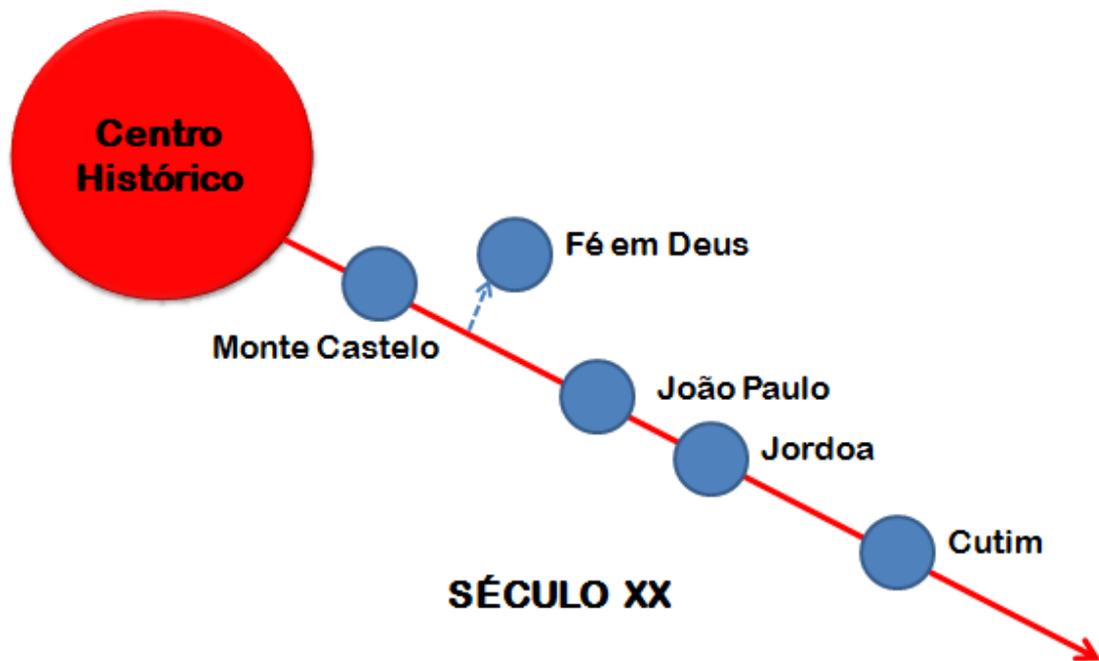
SETOR 1: SÍTIOS HISTÓRICOS



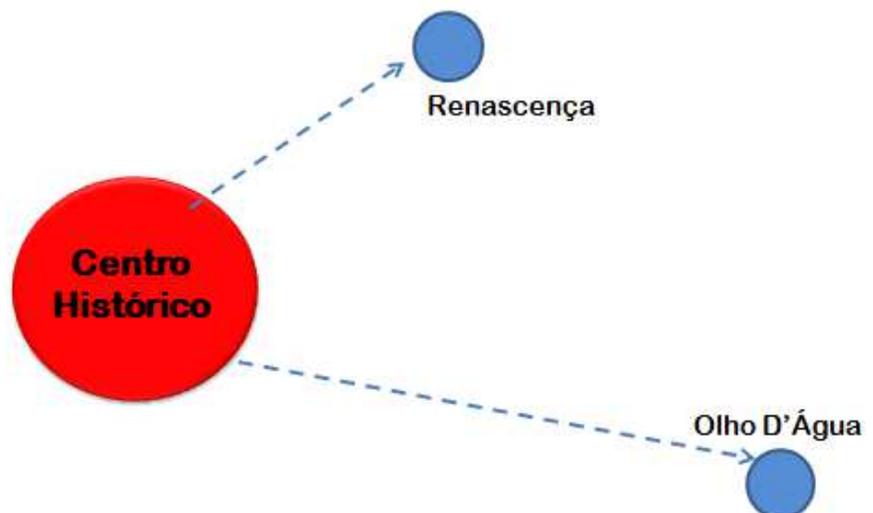
SETOR 2: MADRE DEUS E REMÉDIOS

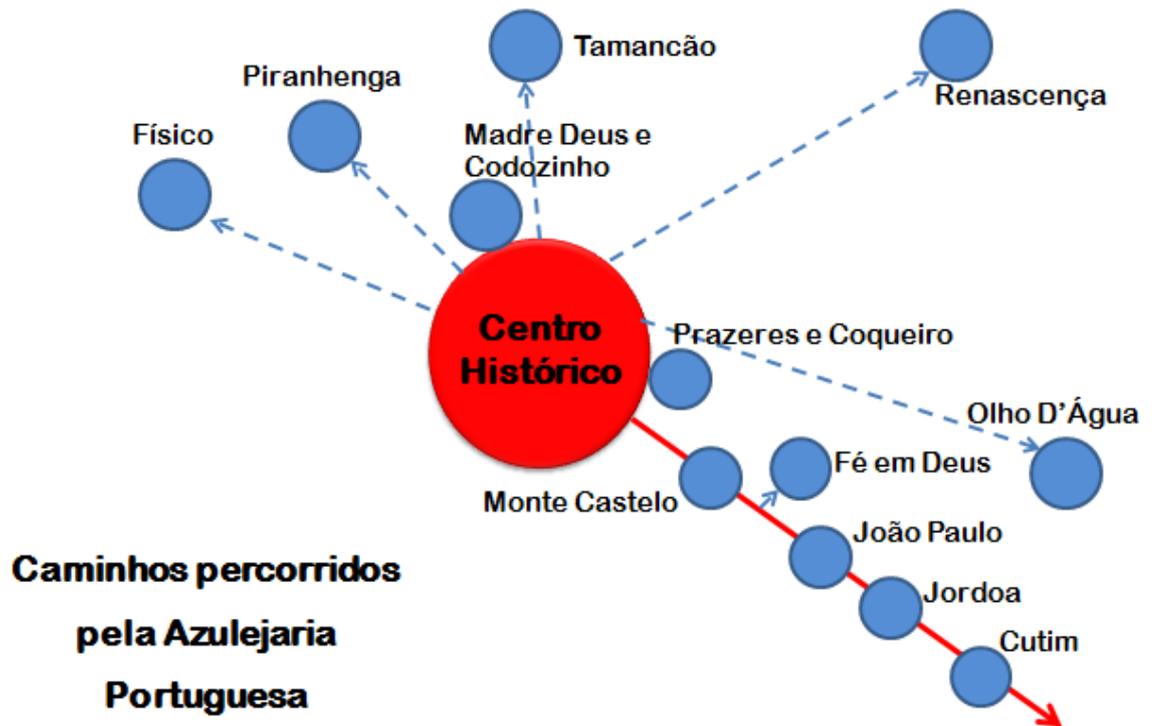


SETOR 3: CAMINHO GRANDE



SETOR 4 e 5: A CIDADE MODERNA



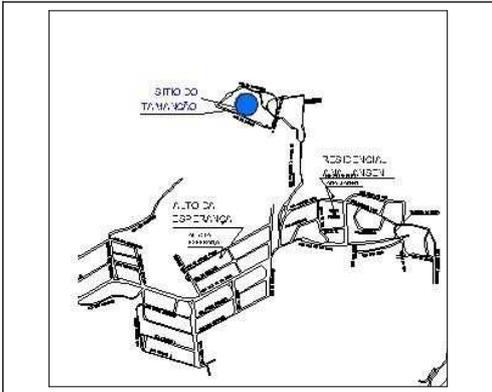


APÊNDICE 2 – ACERVO AZULEJAR DOS SÍTIOS

AZULEJOS

Obs.: Códigos dos padrões de acordo com o Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão.

SÍTIO HISTÓRICO: Tamancão

Localização	Fachada
	

TIPOLOGIA: edificação semi-rural

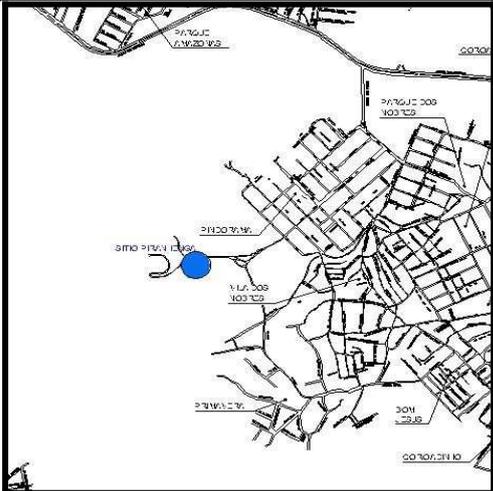
- Construção do início do século XIX, com 1.440 m²;
- Tombado em 12 de outubro de 1990;
- Antiga indústria de beneficiamento de arroz e depois também do fabrico de sabão.

PADRÕES DE AZULEJARIA IDENTIFICADAS NO SÍTIO TAMACÃO

	TIPO	Cercadura
	PADRÃO	CMJ 17 - majólica
	LOCALIZAÇÃO	Acompanhando a escada no pátio interno, servindo de divisão entre dois padrões.
	TIPO	Azulejo pombalino
	PADRÃO	PMJ 12
	LOCALIZAÇÃO	Acompanhando a escada no pátio interno.

	TIPO	Azulejo estampilhado com retoques à mão
	PADRÃO	PE 34
	LOCALIZAÇÃO	Pátio interno

Fonte: Letícia Castro, 2013.

SÍTIO PIRANHENGA	
Histórico	
<ul style="list-style-type: none"> • Construção da primeira metade do século XIX, entre os anos 1805 a 1810. • Possui 42 hectares 	
Fotos	
	
Fachada	Localização

AZULEJOS				
Foto	Código	Tipo de decoração	Local de aplicação	Dimensões
	PE 87	Estampilha com retoques a mão	Capela, banco da escada, peitoril da varanda.	13,5 x 13,5 cm
	PMJ 17	Majólica	Anexo da capela, silhar capela, peitoril varanda.	13,0 x 13,0 cm
	CE 18	Estampilha	Banco escada, anexo	13,5 x 13,5 cm

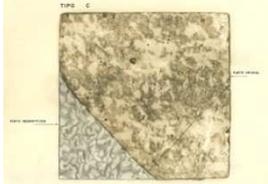
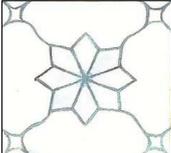
			capela, peitoril varanda.	
	CE 19	Estampilha	Mureta jardim, banco escada, peitoril varanda.	13,5 x 13,5 cm
	CMJ 10	Majólica	Peitoril varanda, colunas da capela.	14,0 x 14,0 cm
	CMJ 11	Majólica	Mureta do jardim	14,0 x 14,0 cm
	CMJ 19	Majólica	Mureta do jardim	14,0 x 14,0 cm
	PE 01	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 05	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 07	Estampilha	Adorno	13,2 X 13,2 cm
	PE 11	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 16	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 22	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
				
				

	PE 27	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 32	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 34	Estampilha	Painéis na capela	13,5 x 13,5 cm
	PE 47	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 56	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 58	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 60	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PE 64	Estampilha	Adorno	13,0 x 13,0 cm
	PE 69	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	PR 01	Relevo	Adorno e Capela	13,5 x 13,5 cm
	PR 02	Relevo	Adorno e Capela	13,5 x 13,5 cm

	CE 06	Estampilha	Adorno	13,5 x 13,5 cm
	FE 02	Estampilha	Adorno	13,5 x 6,5 cm
	FR 03	Relevo	Fachada	14,5 x 7,5 cm
	PE 80	Estampilha	Peitoril	10,7 x 10,7 cm

Fonte: Letícia Castro, 2013.

SÍTIO SANTO ANTÔNIO DA ALEGRIA OU SÍTIO DO FÍSICO	
Histórico	
<ul style="list-style-type: none"> • Área de 631.309 m², Igarapé do Coelho. • Construção do período de 1787 – 1796; • Curtume de couros, fabricação de cal, beneficiamento de arroz, fábrica de cera e posteriormente, de fogos de artifício. 	
Fotos	

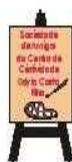
				
Ruínas		Localização		
AZULEJOS				
Foto	Código	Tipo de decoração	Local de aplicação	Dimensões
	PM 03	Marmoreada	?	13,5 x 13,5 cm
	PMJ ?	Majólica	?	?
	CMJ ?	Majólica	?	?
	CMJ 03 ou CMJ 05	Majólica	?	14,0 x 14,0 cm
	PMJ ?	Majólica	?	?
	PMJ ?	Majólica	?	14,3 x 14,3 cm

	PMJ ?	Majólica	?	?
	CMJ 09	Majólica	?	14,0 x 14,0 cm

Fonte: Letícia Castro, 2013.

ANEXOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL



Sociedade de Amigos do Centro de Criatividade Odylo Costa

PROJETO: INVENTÁRIO DE AZULEJARIA DE SÃO LUÍS/MA – (1ª ETAPA)

1. IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL

01. ENDEREÇO	
02. PROPRIETÁRIO	
03. PROTEÇÃO LEGAL 01. <input type="checkbox"/> Tombamento de conjunto Federal 02. <input type="checkbox"/> Tombamento de conjunto Estadual 03. <input type="checkbox"/> Tombamento individual Federal 04. <input type="checkbox"/> Tombamento individual Estadual	04. ESTILO ARQUITETÔNICO 01. <input type="checkbox"/> Tradicional português 02. <input type="checkbox"/> Neoclássico 03. <input type="checkbox"/> Eclético 04. <input type="checkbox"/> Neocolonial 05. <input type="checkbox"/> Art déco 06. <input type="checkbox"/> Moderno 07. <input type="checkbox"/> Popular
observações:	observações:

05. NÚMERO DE PAVIMENTOS		06. TIPOLOGIA	
01. <input type="checkbox"/> Térreo		01. <input type="checkbox"/> Sobrado	
02. <input type="checkbox"/> Dois		02. <input type="checkbox"/> Morada e meia	
03. <input type="checkbox"/> Três		03. <input type="checkbox"/> Morada inteira	
04. <input type="checkbox"/> Quatro		04. <input type="checkbox"/> ¼ de morada	
05. <input type="checkbox"/> Mirante		05. <input type="checkbox"/> Meia morada	
06. <input type="checkbox"/> Subsolo		06. <input type="checkbox"/> Porta e janela	
observações:		07. <input type="checkbox"/> Outros	
		observações:	
07. ESTADO DE CONSERVAÇÃO		08. USO ATUAL	
01. <input type="checkbox"/> Bom		01. <input type="checkbox"/> Residencial	
02. <input type="checkbox"/> Regular		02. <input type="checkbox"/> Comercial	
03. <input type="checkbox"/> Ruim		03. <input type="checkbox"/> Misto (comercial e residencial)	
04. <input type="checkbox"/> Ruínas		04. <input type="checkbox"/> Institucional	
05. <input type="checkbox"/> Demolido		05. <input type="checkbox"/> Religioso	
observações:		observações:	
Data:	Preenchido por:	Responsável Técnico:	

Ficha de identificação do imóvel. Fonte: LIMA, 2012.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO AZULEJO



**Sociedade de Amigos do Centro de Criatividade
Odylo Costa Filho**

PROJETO: INVENTÁRIO DE AZULEJARIA DE SÃO LUÍS/MA – (1ª ETAPA)

2. IDENTIFICAÇÃO DO AZULEJO

Nº

01. ENDEREÇO	
02. PROPRIETÁRIO	
03. PROTEÇÃO LEGAL	04. LOCAL DE APLICAÇÃO
01. <input type="checkbox"/> Tombamento de conjunto Federal	01. <input type="checkbox"/> Fachada Total
02. <input type="checkbox"/> Tombamento de conjunto Estadual	02. <input type="checkbox"/> Fachada parcial
03. <input type="checkbox"/> Tombamento individual Federal	03. <input type="checkbox"/> Interior
04. <input type="checkbox"/> Tombamento individual Estadual	04. <input type="checkbox"/> Outros
05. <input type="checkbox"/> Fora da Área de Tombamento	observação:
observação:	

05. TIPO	06. PADRÃO
01. <input type="checkbox"/> Silhar	01. <input type="checkbox"/> 2 x 2
02. <input type="checkbox"/> Tapete	02. <input type="checkbox"/> 4 x 4
03. <input type="checkbox"/> Painel	03. <input type="checkbox"/> s/ padrão
04. <input type="checkbox"/> Painel almofadado	04. <input type="checkbox"/> Padrão único
05. <input type="checkbox"/> Painel figurado	
06. <input type="checkbox"/> Tarja	
07. <input type="checkbox"/> Cercadura	
08. <input type="checkbox"/> Friso	
09. <input type="checkbox"/> Adornos isolados	
10. <input type="checkbox"/> Registro	
11. <input type="checkbox"/> Outros	
observação:	observação:

07. TÉCNICA DE DECORAÇÃO	08. PROCEDÊNCIA
01. <input type="checkbox"/> Estampilha	01. <input type="checkbox"/> Português
02. <input type="checkbox"/> Marmoreado	02. <input type="checkbox"/> Holandês
03. <input type="checkbox"/> Decalcomania	03. <input type="checkbox"/> Inglês
04. <input type="checkbox"/> Esponjado	04. <input type="checkbox"/> Francês
05. <input type="checkbox"/> Majólica	05. <input type="checkbox"/> Alemão
06. <input type="checkbox"/> Misto	06. <input type="checkbox"/> Outros
observação:	observações:

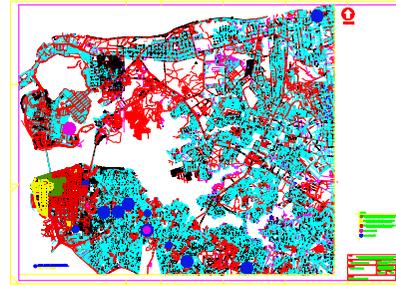
<p>09. DIMENSÃO</p> <p>01. <input type="checkbox"/> Azulejo 13,5cm X 13,5cm</p> <p>02. <input type="checkbox"/> Azulejo 11,00cm X 11,00cm</p> <p>03. <input type="checkbox"/> Friso 6,75cm X 13,5cm</p> <p>04. <input type="checkbox"/> Cercadura 13,5cm X 13,5cm</p> <p>05. <input type="checkbox"/> Outros</p> <p>observação:</p>	<p>10. PEÇAS FALTANTES</p> <p>01. <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>02. <input type="checkbox"/> Não</p> <p>observação:</p>	
<p>11. ESTADO FÍSICO</p> <p>01. <input type="checkbox"/> Bom</p> <p>02. <input type="checkbox"/> Regular</p> <p>03. <input type="checkbox"/> Péssimo</p> <p>observação:</p>	<p>12. ESTADO DE PRESERVAÇÃO</p> <p>01. <input type="checkbox"/> Perda de vidrado</p> <p>02. <input type="checkbox"/> Fraturas</p> <p>03. <input type="checkbox"/> Perda parcial de chacota</p> <p>04. <input type="checkbox"/> Sujidades</p> <p>P – pequeno M – médio G - grande</p> <p>observação:</p>	
<p>13. CAUSAS DA DETERIORAÇÃO</p> <p>01. <input type="checkbox"/> Infiltração</p> <p>02. <input type="checkbox"/> Vegetação</p> <p>03. <input type="checkbox"/> Microorganismo</p> <p>04. <input type="checkbox"/> Vandalismo</p> <p>05. <input type="checkbox"/> Intempéries</p> <p>06. <input type="checkbox"/> Outros</p> <p>observação:</p>	<p>14. SUPERFÍCIE</p> <p>01. <input type="checkbox"/> Plana</p> <p>02. <input type="checkbox"/> Relevô</p> <p>observação:</p>	
<p>15. PEÇAS DE REPOSIÇÃO/SERIGRAFIA</p> <p>01. <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>02. <input type="checkbox"/> Não</p> <p>observação:</p>	<p>16. ACESSÓRIOS FIXADOS</p> <p>01. <input type="checkbox"/> Instalação elétrica</p> <p>02. <input type="checkbox"/> Instalação hidráulica</p> <p>03. <input type="checkbox"/> Ferragens</p> <p>04. <input type="checkbox"/> Placas</p> <p>05. <input type="checkbox"/> Outros</p> <p>06. <input type="checkbox"/> Nenhum</p> <p>observação:</p>	
Data:	Preenchido por:	Responsável Técnico:

Ficha de identificação do azulejo. Fonte: LIMA, 2012.

GLOSSÁRIO

- **Adorno** – todo enfeite ou ornato usado para aformosear qualquer parte do edifício.
- **Azulejo de Tapete** – É usualmente composto por um ou mais azulejos de padrão que se repetem em diferentes disposições, formando uma composição.
- **Alizar** (ou Silhar) – revestimento parietal que ocupa parte inferior de uma parede e cuja altura pode variar entre um ou dois metros, do piso até o meio da parede.
- **Azulejo Estampilhado** – azulejo cuja decoração é feita com as tintas aplicadas sobre o vidrado utilizando uma estampilha de acetato, papel encerado ou outros materiais.
- **Almofada** - Superfície saliente, reentrante ou emoldurada em destaque no paramento de um elemento de maior extensão. Usualmente encontra-se em portas, janelas, lambris, forros e guarda-corpos. O elemento que possui almofadas é chamado de almofadado.
- **Cercadura** – o termo engloba genericamente as molduras ou frisos de arremate de superfície parietais ornamentadas; guarnição formada por uma única fiada de azulejos. Tipo de guarnição simples constituída por uma série de placas cerâmicas (azulejos) justapostos, limitando uma composição ou unidade visual horizontal ou longitudinalmente correspondente a um azulejo.
- **Chacota** - objeto e peças cerâmicas que foram cozidas no forno uma única vez e ainda não apresentam vidro. Para o caso específico da porcelana usa-se o termo biscoito. Peças submetidas à primeira cozedura que adquiriram dureza, mas conservam a porosidade.
- **Decalcomania** – desenho impresso sobre o papel especial com cores de óxidos metálicos em base oleosa. O papel adere à peça antes da cozedura e arde durante esta, transferindo o desenho para peça.
- **Motivos fitomórficos** - Designação aplicada à peça ou ornato com forma vegetal.
- **Padrão** – motivo decorativo, geométrico ou vegetalista utilizado em repetição de módulo, cuja ligação em continuidade cria efeitos de trama ornamental. Foi largamente utilizado no século XVI e 2ª metade do século XVIII e no século XIX, então revestindo fachadas. Composição geométrica ou vegetalista de um número variável de azulejos.
- **Tombar** – fazer o tombo de alguma coisa. Inventariar. Registrar. Normalmente para proteger, assegurar, garantir a existência por parte de algum poder.

A0 - ESCALA 1:10000



A0 - ESCALA 1:10000

